

**Mestrado em Arte e Design para o Espaço Público**  
**Beatriz Mota**

**Tocar o Verde**

Análise da função sócio-ambiental do Jardim Soares dos Reis, Jardim do Morro e Parque da Lavandeira

**Porto, 2010**

**Mestrado em Arte e Design para o Espaço Público**  
**Beatriz Mota**

**Tocar o Verde**

Análise da função sócio-ambiental do Jardim Soares dos Reis, Jardim do Morro e Parque da Lavandeira

Trabalho de Mestrado desenvolvido pela aluna Beatriz Mota graduada em Arquitetura e Urbanismo, orientado pela Prof. Dra. Gabriela Vaz Pinheiro e Co-orientado pelo Arquiteto Vasco Cardoso, apresentado ao Curso de Mestrado em Arte e Design para o Espaço Público da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, como requisito final para obtenção do grau de mestra.

**Porto, 2010**

# Índice

ÍNDICE DE FIGURAS .....	7
AGRADECIMENTOS .....	8
INTRODUÇÃO .....	9
1. BREVE INCURSÃO DOS JARDINS E PARQUES NAS CIVILIZAÇÕES .....	11
2. O JARDIM E O PARQUE, PAISAGENS ARTIFICIAIS QUE COMPÕEM A URBE .....	26
3. NECESSIDADE E FUNÇÃO DAS ÁREAS VERDES NOS ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS.....	30
4. METODOLOGIA E ESTUDOS DE CASO .....	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	56
BIBLIOGRAFIA .....	59
ANEXO 01.....	63
ANEXO 02.....	64
ANEXO 03.....	66
ANEXO 04.....	68
ANEXO 05.....	70
ANEXO 06.....	74

## Resumo

SILVA, Beatriz Farias de Lucena da Mota. **Tocar o Verde - Resgate da função sócio-ambiental do Jardim Soares dos Reis, Jardim do Morro e Parque da Lavandeira**. 2010, 74 pg. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto: Porto, 2010.

A dissertação em referência apresenta uma proposta de análise qualitativa na busca do verde em espaços públicos presentes nos centros urbanos, onde a sociedade, ao longo do tempo, vem se conscientizando da necessidade da ocupação da natureza nesses locais e dos seus benefícios.

Delimitando-se por áreas verdes urbanas, os parques e jardins, percebe-se a necessidade de aprimorá-los no sentido do cumprimento de sua função sócio-ambiental que é a de proporcionar lazer, descanso, arte e cultura, além de transformá-los numa extensão dos espaços privados. Agregando características como aprazibilidade, identidade e acessibilidade estes espaços facilitam a socialização e divertimento dos utentes, além de proporcionarem um ambiente agradável na cidade.

Ressaltando-se a preservação da identidade cultural nas áreas verdes urbanas como um elo de ligação entre a “selva de pedra” e o imaginário coletivo, que nos evoca sentimentos de satisfação e prazer, observa-se igualmente a importância das relações entre estrutura, forma e aproveitamento da função social dos parques e jardins no planejamento destes espaços livres públicos.

As áreas verdes urbanas nos espaços públicos, representadas por parques e jardins no presente estudo, fazem parte de um sistema ambiental que solicita integridade e aperfeiçoamento constantes dos recursos naturais.

**Palavras-chave:** espaços públicos, áreas verdes urbanas, jardins e parques.

## **Abstract**

SILVA, Beatriz Farias de Lucena da Mota. **Tocar o Verde - Resgate da função sócio-ambiental do Jardim Soares dos Reis, Jardim do Morro e Parque da Lavandeira**. 2010, 74 pg. Dissertation (Master's degree) – Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto: Porto, 2010.

This investigation proposes a qualitative analysis in search of green public spaces in urban centers, where the society, over time, is becoming aware of the necessity of occupying those areas of nature and its benefits.

Delimited by urban green areas, it is noticed the need to improve parks and gardens towards fulfilling its social and environmental function, which is to provide recreation, relaxation, art and culture, and perceive them as an extension of the private spaces. Adding features as pleasant ability, identity and accessibility, these spaces facilitate socialization and fun for users, besides providing a pleasant environment in the city.

Emphasizing the preservation of cultural identity in urban green areas as a link between the “concrete jungle” and the collective imagination, it evokes feelings of satisfaction and pleasure, it is also noticed the importance of relationships between structure, form and use of parks and gardens' social function in the planning of public open spaces.

The green areas in public spaces, represented by parks and gardens in this study, are part of an environmental system that requires the integrity and constant improvement of natural resources.

**Keywords:** public spaces, urban green areas, gardens and parks

# Sumário

<b>ÍNDICE DE FIGURAS</b> .....	<b>7</b>
<b>AGRADECIMENTOS</b> .....	<b>8</b>
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>9</b>
<b>1. BREVE INCURSÃO DOS JARDINS E PARQUES NAS CIVILIZAÇÕES</b> .....	<b>11</b>
1.1. O Jardim e o Parque enquanto propriedade privada... ..	11
1.2. ...até tornar-se público .....	16
1.3. Aspectos conceituais de Jardins e Parques .....	22
<b>2. O JARDIM E O PARQUE, PAISAGENS ARTIFICIAIS QUE COMPÕEM A URBE</b> .....	<b>26</b>
2.1. A origem da desnaturalização da paisagem .....	26
2.2. ...e nos dias atuais .....	27
<b>3. NECESSIDADE E FUNÇÃO DAS ÁREAS VERDES NOS ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS</b> .....	<b>30</b>
3.1. Equilíbrio Socio-ambiental proporcionado pelas áreas verdes .....	32
3.2. Conceitos usados na análise do espaço público que abragem aspectos físicos, sociais e ambientais .	37
<b>4. METODOLOGIA E ESTUDOS DE CASO</b> .....	<b>40</b>
4.1. Metodologia aplicada aos estudos de caso .....	40
4.1.1. Análise e processamento de dados dos estudos de caso .....	40
4.2. Estudos de caso.....	42
4.2.1. Primeiro caso: Jardim Soares dos Reis .....	43
4.2.2. Segundo caso: Jardim do Morro.....	47
4.2.3. Terceiro Caso: Parque da Lavandeira.....	51
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>56</b>
<b>BIBLIOGRAFIA</b> .....	<b>59</b>
<b>ANEXO 01</b> .....	<b>63</b>
<b>ANEXO 02</b> .....	<b>64</b>
<b>ANEXO 03</b> .....	<b>66</b>
<b>ANEXO 04</b> .....	<b>68</b>
<b>ANEXO 05</b> .....	<b>70</b>
<b>ANEXO 06</b> .....	<b>74</b>

## Índice de figuras

Figura 1.1 – Londres, Revolução Industrial – Fonte: Benevolo, 1999.....	17
Figura 1.2 – Esquema da Cidade Jardim, Letchworth Garden – Fonte: Howard, 1996; Benevolo, 1999.....	19
Figura 3.1 – Aldeia Neolítica de Aichbuhlim Federseemor, na Alemanha (cerca de 2000 a.C)– Fonte: Benevolo, 1999.....	30
Figura 4.1 – Post-its – Foto: Beatriz.....	42
Figura 4.2 – Placa de requalificação, monumento à Soares dos Reis e Jardim Soares dos Reis – Foto: Beatriz.....	43
Figura 4.3 – Vasta cobertura arbórea e sinalização – Foto: Beatriz.....	44
Figura 4.4 – Estacionamento, utentes, barreiras arquitetônicas – Foto: Beatriz.....	45
Figura 4.5 – Parque infantil, banca de jornal e gelados, mesa (encontro de jovens) – Foto: Beatriz.....	45
Figura 4.7 – Mosteiro da Serra do Pilar, Jardim do Morro e encosta – Foto: Acervo Câmara de Gaia, Beatriz.....	47
Figura 4.8 – Monumento e Coreto (ao fundo), gruta, palco – Foto: Acervo Câmara Gaia, Beatriz.....	48
Figura 4.9 – Vizinhaça, idosos que frequentam o local, palanque, acesso principal – Foto: Beatriz.....	49
Figura 4.10 – Vandalismo e falta de limpeza – Foto: Beatriz.....	50
Figura 4.11 – Equipamento de ginásio – Foto: Beatriz.....	50
Figura 4.12 – Quinta da Lavandeira, Estufa em 1881 e atualmente – Foto: Beatriz.....	51
Figura 4.13 – Jardim das Suculentas e rica vegetação – Foto: Beatriz.....	52
Figura 4.14 – Quadro informativo, Sinalizaçãode como executar exercícios e metereológica– Foto: Beatriz.....	52
Figura 4.15 – Estacionamento, Paragem de autocarro, parque de bicicletas – Foto: Beatriz.....	53
Figura 4.16 – Mobiliário – Foto: Beatriz.....	53
Figura 4.17 – Equipamentos de lazer e exercício – Foto: Beatriz.....	54
Figura 4.18 – Cinema amador e Hora do conto– Simulação:.....	54
Figura 4.19 – Quadro comparativo.....	55

## **Agradecimentos**

Reservo este espaço àqueles que deram a sua contribuição direta ou indiretamente para que esta dissertação fosse realizada. A todos eles deixo aqui o meu sincero agradecimento.

Agradeço a Deus e ao Espírito Santo por estarem sempre me iluminando. A meus pais Edilene e Francisco, que me proporcionaram esta oportunidade única de estudar fora do meu país. Estes que estiveram sempre ao meu lado, me apoiando, estimulando, dando forças nas horas mais difíceis para concluir mais esse desafio em minha vida. À minha avó, Tia Teca, Tia Beth, Cecília, Ana Regina e toda família por todo apoio prestado.

A minha orientadora Professora Doutora Gabriela Vaz e a todos profissionais, colegas, e amigos como Thais Tréz, que de algum modo contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho.

## Introdução

Com a intensa urbanização das cidades, as áreas verdes vem sendo cada vez mais comprometidas, devido ao excessivo e desordenado uso do solo, e da forma como vivem os diversos segmentos sociais. Em consequência disso, as mesmas têm dificuldade em absorver essa demanda, gerando variados níveis de deterioração, obsolência e inadequação dos sítios urbanos.

Esses espaços públicos presentes nos centros urbanos, essencialmente as áreas verdes compostas por: parques, praças, jardins entre outros, carecem ser revalorizados, para exercer a sua função sócio-ambiental no meio em que está inserido, seja direcionado ao lazer, descanso, arte, cultura, entre outras, buscando transformar esses lugares numa extensão dos espaços privados. Devendo nesse processo, agregar características como apazibilidade, identidade e acessibilidade, facilitando a socialização e divertimento dos utentes. Além do mais, proporcionar um bom ambiente na cidade, melhora a qualidade de vida dos mesmos.

Assim, surge o interesse em estudar as áreas verdes/paisagens artificiais nos espaços livres públicos, identificando a época em que foram concebidos, dimensão, tipologia além de como se dá a diferença entre o ambiente existente, o “percebido” e o almejado pelo cidadão. Que sensações o utente experimenta ao frequentar o local e quais elementos trazem o sentido da permanência no mesmo. Logo, o que determina seu uso ou seu pouco uso se for o caso: quais possíveis causas para que esses sítios não sejam plenamente aproveitados e o que poderia resgatar o valor e estimular o uso desses locais.

Esta dissertação tem o objetivo fazer uma análise das áreas verdes introduzidas nos espaços livres públicos inseridos na paisagem “artificial” urbana, em específico os jardins e parques, com a finalidade de perceber a configuração desses elementos no espaço, observando a relação entre estrutura, forma e como desempenham as funções socio-ambientais. Escolhendo como objetos para estudo de caso o Jardim Soares dos Reis, Jardim do Morro - situados respectivamente na freguesia de Mafamude e Santa Marinha e o Parque da Lavandeira - situado na freguesia de Oliveira do Ouro, bem mais afastado dos demais. Todos localizados na cidade de Vila Nova de Gaia.

Para desenvolver este trabalho, antes mesmo da abordagem do objeto de estudo e do processo metodológico, foi essencial realizar uma revisão bibliográfica a respeito do assunto em discussão. Identificar o significado da vegetação nos centros urbanos desde a sua inserção

como elemento necessário aos mesmos, levando em consideração a percepção dos habitantes e profissionais e alguns parâmetros de análise envolvidos em seu planejamento, desenvolvida especialmente a partir do século XIX, conceituação necessária à compreensão desta pesquisa.

Através do levantamento iconográfico, foi possível ter acesso a plantas, croquis, mapas, fotografias, plantas e jornais de época, etc. Estes materiais foram analisados, levando a melhores conclusões sobre a história dos Jardins e Parques.

Foram feitas visitas a órgãos responsáveis pela gerência do espaço, com a finalidade de reunir dados oficiais referentes às áreas de estudo, bem como um levantamento das características desses sítios e do contexto envolvente, buscando deter o maior número de informações relevantes sobre o local, fossem topográficas e/ou afetivas, estas com o intuito de caracterizar uma memória social e material do mesmo, além de uma avaliação do espaço, através de um levantamento fotográfico/videográfico, captando os usos e as práticas, procurando entender a dinâmica desses locais juntamente com a aplicação de questionário aos mesmos para identificar a expectativa e anseios sobre os sítios.

O trabalho foi estruturado em quatro capítulos, onde o primeiro trata de como os Jardins e Parques surgiram nas civilizações ao longo da história, aborda seu trajeto desde propriedade particular à pública, bem como seus conceitos. No segundo, trata do significado das paisagens artificiais, como apareceram e se desenvolveram até os dias de hoje. Enquanto o terceiro contextualiza sobre as áreas verdes inseridas nos Espaços Livres Públicos das Cidades – procura elucidar a forma como essas áreas verdes, mais precisamente os jardins e parques, adentraram no espaço urbano, quando se desenvolveram, como e porque sobrevieram, os efeitos positivos gerados tanto para o meio ambiente como para o meio social. E por fim, no quarto capítulo baseado na teoria estudada, faz-se um estudo de campo dos jardins e parque escolhidos, colocando os aspectos morfológicos e cognitivos das áreas, dando ênfase à sua função física, otimizando o meio ambiente, e à sua função social como um circuito/espaço gerador de bem-estar para a população.

## **1. Breve incursão dos Jardins e Parques nas civilizações**

Os espaços verdes públicos, enquanto áreas abertas com vegetação, dentro de uma zona urbana, têm sido muitas vezes estruturas que foram incorporadas aos jardins e parques entre outros. Enquanto isso, as origens de alguns e outros divergem, e às vezes até mesmo são contraditórias. A história desses locais tem sido estreitamente ligada ao planejamento urbano e crescimento das cidades.

Portanto, faz-se necessário esclarecer as diferentes formas e a falta de coesão da significação desses equipamentos urbanos e mostrar a importância de abordar a origem e evolução dessas áreas verdes desde caráter privado a caráter público, bem como sua funcionalidade na elaboração das cidades, para que se notem as alterações da sua aceção e conhecer os pontos que exercem influência entre a criação e sua materialização.

### **1.1. O Jardim e o Parque enquanto propriedade privada...**

A definição contemporânea do que vem a ser os jardins, está profundamente associada ao passado da humanidade. Criado a princípio com fins de subsistência - utilitário, passando a fins contemplativos – associado à idéia mítica religiosa de “paraíso” encontrada na Bíblia, no livro do Gênesis, não excluindo a possibilidade da coexistência das duas funções no mesmo sítio, estudando os jardins da Antiguidade Clássica, passando pelos da Idade Média, Renascimento e por fim chegando aos Modernos, observa-se a relevância de cada circunstância cultural na história e sua influência nesses espaços que compõem a estrutura dos espaços livres públicos urbanos.

Apesar de ser difícil precisar o surgimento dos jardins, não se pode negar que os mesmos devem ter aparecido na época da Revolução Neolítica (8.000 a 4.000 a.C.) quando, segundo Vieira (2007), o ser humano passa de caçador a agricultor, quando este se fixou em um determinado território. Ainda que a razão originária tenha sido a delimitação de um terreno para cultivo de plantas e alimentos, sem tardança, seu uso foi modificado passando a ser um sítio de repouso, atribuindo conjuntamente valores estéticos ao mesmo.

É sabido que, a Antiguidade Clássica teve grande contribuição na evolução das artes incluindo o paisagismo e as ciências. Em vista disso, é válido abordar mesmo que de forma resumida o desenvolvimento histórico e característico de cada jardim desta época, como os da

Mesopotâmia, Egito, Pérsia, Grécia e por fim Roma, com a finalidade de esclarecer seus contributos e influências entre si e os que se seguiram.

A Mesopotâmia destacou-se no planejamento paisagístico enquanto e o Egito fora o pioneiro na arte da jardinagem. No planejamento dos jardins de ambos era levado em consideração a topografia regional, aproveitando o grande potencial hidrográfico das regiões abrangidas pelos rios Nilo, Tigre e Eufrates para aplicar seu vasto conhecimento em técnicas de rega artificial e drenagem o que propiciava um jardim fértil para o cultivo de hortaliças, legumes e árvores frutíferas.

Por essas civilizações foram construídas edificações de grande porte mantendo uma característica imponente. Na Mesopotâmia temos os Jardins Suspensos da Babilônia, e segundo Vieira (2007) nele a religiosidade podia ser percebida pois tinham a crença de que os seres supremos exerciam influência sobre os mesmos, opinião compartilhada também pelo Egito que fazia jardins em homenagem a seus deuses. Estes, que tinham um traçado austero e proporcionalidade entre suas partes, do mesmo modo presentes nas construções erguidas com base no politeísmo e orientadas consoante os quatro pontos cardeais. Além disso Kluckert (2007) acrescenta:

“ ...el jardín se dispuso como lugar mítico o, más aún, como expresión motivada religiosamente de todo aquello que se entiende por naturaleza.” (KLUCKERT, 2007, p.13)

Denominados também de “Jardim Paraíso” os Jardins Persas, porquanto recriavam a idéia do Paraíso prometido por Alá, conforme os preceitos religiosos, todos os elementos tinham uma conotação simbólica e situavam-se nos arredores do palácio real. O Jardim de Pasárgada, é um bom exemplo para tal. Vieira (2007) afirma que a água tinha destaque, pois estava relacionada à purificação e com ela foram feitos canais que cruzados representavam os quatro cantos da terra e faziam alusão a hegemonia universal. Possuía uma rica e diversificada fauna e flora, composta principalmente por plantas aromáticas, sofreram a influência dos jardins egípcios e gregos, localizando-se próximo ao palácio do rei.

Os gregos primavam pelo cuidado na preservação da vegetação, pois a consideravam um elemento de suma importância na valorização da paisagem visto que os mesmos estavam em frequente contato com a mesma. Seus jardins seguiam naturalmente a configuração do terreno, e levavam em consideração influências climáticas. Ali cultivavam plantas com variadas utilidades, comestíveis e/ou decorativas. A este povo, deve-se a transformação dos jardins privados, propriedade dos mais abastados, em espaços livres para usufruto da população, passando assim a ter caráter público.

A sociedade aristocrática foi a responsável pela mudança na dimensão dos jardins Romanos que de pequenos passam à suntuosos, o *Tempo da Vestal* é um exemplo da fusão bem sucedida entre o arquitetônico e o paisagístico. Este e os demais tinham uma grande variedade de espécies de árvores frutíferas e arbustos. O local que era escolhido para ser implantado tinha atenção à topografia e era determinado predominantemente pelos ventos e insolação, resultando num ambiente saudável e agradável climaticamente. Quanto à parte decorativa segundo Kluckert (2007) era composta de estátuas e monumentos furtados em suas invasões a diversos países.

O autor afirma que:

“ La decoración de los jardines con esculturas era una novedad que, en la época republicana, se había rechazado por ser un lujo oriental. Mediante la conquista de los territorios mediterráneos y la institución de las provincias, romanos llegaron esculturas e otras obras de arte a Roma” (KLUCKERT, 2007, p.16)

Definido este panorama dos primeiros jardins da humanidade, passa-se ao período que compreende dos séculos V até XV. A simplicidade marca os jardins na Idade Média, que se restringiam ao interior de mosteiros e castelos devido aos conflitos do período. Kluckert (2007), coloca que os jardins Monacais eram decorados com motivos heráldicos. Ainda seu espaço era composto basicamente por hortaliças, de fruto, e fins medicamentosos; tinha preponderantemente a função de subsistência.

“El jardín herbolario, que se situava detrás del complejo formado por la casa de médico y la farmacia, recibía el nombre de *herbularius*. Es fácil suponer que la estructura se ajustaba netamente a la utilidad.” (KLUCKERT, 2007, p.22)

Contudo Vieira (2007) aponta que na mesma época os jardins dos países dominados pela cultura islâmica, destoavam um pouco das características do resto da Europa por fazer sempre uso da água corrente e pelo pequeno porte. Eram voltados ao convívio em família e no mais, se igualava aos demais com seu interior composto basicamente de plantas aromáticas e frutíferas, também prezavam pela simplicidade. Devido às invasões bárbaras o império Romano entra em decadência, provocando na Europa por um espaço de tempo uma estagnação cultural, sem manifestações artísticas.

Com o fim da Era Medieval e o surgimento do Renascimento no século XV, os jardins sofreram grandes alterações, que passa do Teocentrismo, voltado à Deus ao Antropocentrismo focado no homem, havendo um ressurgimento da cultura com uma nova visão do mundo, uma releitura do pensamento em relação às ciências filosóficas, literárias, no campo da escultura, pintura etc. Na visão de Vieira (2007) esse momento pode ser refletido da seguinte forma:

“ É transição de um paradigma em crise para um novo, do qual pode surgir uma ciência. Longe de ser um processo cumulativo, obtido através de uma articulação do velho modelo, é uma reconstrução de áreas de estudos a partir de novos princípios, alterando generalizações teóricas anteriores, bem como muitos de seus métodos aplicados.” (VIEIRA, 2007, p.114)

Para interesse de momento, a breve explanação a seguir deteve-se aos jardins que mais se sobressaíram no continente europeu: a Itália, França e Inglaterra porém acrescentando algo do jardim português.

Os jardins italianos eram considerados como sinal de *status* nata da sociedade, distinguiam-se pelo estilo arquitetônico e escultórico tiveram como objetivo principal conceber formas que transmitissem uma sensação de quietude. Com clima instável e relevo irregular os mesmos tiveram que se adaptar as essas condições topográficas com taludes proeminentes, sendo implantados nas meia-encostas, o que deu origem ao surgimento dos chamados jardins terraceados, conectados por escadarias e rampas. Vieira (2007) relata que a vegetação usada era constituída de espécies duradouras e obedecia a um traçado simétrico que em seu planejamento paisagístico utilizava instrumentos de precisão e para sua manutenção fazia uso da técnica chamada topiaria<sup>1</sup>. O melhor exemplo dessa fase é o Jardim de *Vila D'este* em Tívoli, projetado por Pirro Ligorio em 1550, com esculturas fundidas, platôs e terraços numa fusão perfeita com a arquitetura, vegetação e a vista sobre a paisagem vislumbrando uma legítima obra-de-arte.

Apesar de no início os Jardins Franceses terem sido influenciados pelos medievais, logo foi substituído pelo encanto dos jardins renascentistas, Sob a influência de uma equipe de italianos como arquitetos, escultores e entre eles estavam Leonardo da Vinci e Vignola. Foi feito uso da distribuição dos eixos, simetria e perspectiva em seus desenhos.

Os séculos XVI e XVII significaram a época áurea dos jardins na França viveram seu maior esplendor e influenciaram o resto da Europa, contribuíram para “futura” criação das áreas verdes públicas o arquiteto André Le Nôtre projetou-se ao conceber os jardins Ville de Chantilly, em Dijon e o Palácio de Versalhes. Na execução dos jardins franceses são utilizadas algumas técnicas como a percepção de que o jardim cresce de acordo com o distanciamento em relação a edificação e que os mesmos se complementam na paisagem mantendo um ritmo composto por fontes e esculturas e sobretudo pela idéia de criar uma grandiosa paisagem cenográfica, onde houvesse uma continuidade visual entre o jardim e a paisagem que o rodeava.

---

<sup>1</sup> Tipo de poda artística criada pelos romanos, que permitia conferir diversas formas as plantas.

Primeiramente, no século XVII, os jardins ingleses abarcavam características dos jardins italianos e franceses, tempo da sofisticação os chamados “Tudor Garden”, a partir do século XVIII, em oposição à visão racional representada pela simetria e geometria do Absolutismo Francês (causa da sua decadência), movimentos em defesa da natureza comandados por intelectuais e artistas, fazem com que o Jardim Inglês adote uma visão orgânica de influência oriental cujos traçados destes eram livres de formalidades e totalmente flúidos. Vieira (2007) ressalta que para tanto faziam uso de caminhos sinuosos, pastagens e campos repletos de árvores dispostos aleatoriamente, tentando com que as pessoas tivessem a percepção de continuidade entre a paisagem natural e o jardim, um local aberto, “sem limites”. Como exemplo podemos citar o jardim de Claremont onde um dos autores foi o arquiteto, William Kent (1684-1740) que teve grande contribuição em projetos paisagísticos.

Para Kluckert (2007), os Jardins Portugueses fizeram um “mix” e buscaram inspiração nos jardins árabes (inflência da Espanha), italianos com o estilo renascentista e no barroco francês. Utilizando uma concepção mais arquitetônica que paisagística expandiam-se de acordo com as condições geográficas do local. Por vários séculos estiveram fortemente ligados aos hábitos do cotidiano e suas raízes, eram delimitados por portões e muros, resultando numa ligação mais estreita entre o jardim e a casa, sendo feito para ser desfrutado e não observado do exterior. Alguns elementos eram característicos do estilo como os azulejos, decorados com ornamentos e temas diversos, além de terraços e tanques.

As mudanças dos estilos pouco afetaram em sua essência, mostrando características peculiares de percepção desse pequeno sítio. Como referência podemos citar o Jardim do Palácio Marquês de Fronteira datado de 1669 e o Jardim do Palácio de Queluz datado de 1747 que são alguns dos mais conhecidos.

Recuperando com respaldo da história, podemos dizer que o paisagismo ou a arte da jardinagem variou com os critérios adotados nas diferentes épocas e feito que seguiam, cada qual com sua característica, o fator determinante entre a diferenciação entre um jardim de caráter público e um espaço vegetado não é apenas o estilo artístico que o caracterizava, ou como funcionavam considerando os elementos que o compunham, porém sua razão de existir, para quê e para quem foram criados. Complementando o raciocínio Abbud (2006) afirma que:

“O paisagismo é a única expressão artística em que participam os cinco sentidos do ser humano. Enquanto a arquitetura, a pintura, a escultura e as demais artes plásticas usam e abusam apenas da visão, o paisagismo envolve também o olfato, a audição, o paladar e o tato o que proporciona uma rica vivência sensorial, ao somar as mais diversas e completas experiências perceptivas.” (ABBUD, 2006, p.15)

Por ora, é importante evidenciar que através de acontecimentos históricos como a queda da monarquia e revolução industrial entre outros, fizeram com que os jardins privados, criados para o desfrute de poucos, cujos os destinatários eram “personagens” mais abastadas no geral e “proibidos” ao uso dos menos favorecidos financeiramente se tornassem públicos mais à frente. Feito dos ingleses, até então os pioneiros a idealizar e executar os primeiros parques e jardins de caráter oficial público.

Com a maior brevidade, estes equipamentos urbanos assumem um perfil fundamental na paisagem, porque estabelecem um espaço dentro do sistema urbano onde as características destes se aproximavam das condições normais da natureza, mudavam os hábitos sociais e melhoravam o trajeto cotidiano do habitante cidadão.

## **1.2. ...até tornar-se público**

Com a Revolução Industrial em curso desde o século XVIII e influência do capitalismo, os espaços públicos voltam a ter destaque por causa do rápido e desordenado crescimento das cidades e devido à grande afluência de pessoas do campo em direção às cidades, o que torna cada vez mais complexo o ordenamento dos centros urbanos. Para corresponder a essa demanda migratória, são construídos, por iniciativa de particulares, usurpando a área dos espaços públicos, conjuntos habitacionais sem nenhum planejamento, com estrutura precária, apenas para abrigar seus operários e familiares, o que valoriza o espaço privado em detrimento dos espaços públicos, que se transformam apenas em locais de passagem, sem atrativos e as ruas se tornam simples vias de circulação e serviços. Em consequência, as cidades enfrentaram problemas estéticos (ausência de qualquer preocupação com a harmonia das formas), de saúde pública, poluição, saneamento básico (esgoto, água e coleta de lixo), falta de infraestrutura e zonas verdes para recreação<sup>2</sup>. Deixemos, então Benevolo (1999) confirmar a análise acima:

“Este ambiente desordenado e inabitável – que chamaremos de cidade liberal – é o resultado da superposição de muitas iniciativas públicas e particulares, não-reguladas e não-coordenadas. A liberdade individual, exigida como condição para o desenvolvimento da economia industrial, revela-se insuficiente para regular as transformações de construção e urbanismo, produzidas justamente pelo desenvolvimento econômico.” (BENEVOLO, 1999, p.567).

---

<sup>2</sup> Entretanto, a partir de meados do século XIX, com a acentuação significativa do processo de urbanização, muitas cidades europeias, bem como norte-americanas, experimentaram um processo de deteriorização das condições de vida das populações, e conseqüentemente de degradação da saúde das mais diversas doenças infecciosas. É neste contexto que começam a emergir diversos movimentos cívicos reivindicativos da melhoria da salubridade das cidades, pressionando constantemente as autoridades governativas e pugnando, designadamente, por mudanças nos padrões da habitação e pela melhoria da pavimentação das ruas e dos sistemas de abastecimento de água e de eliminação de dejectos. (SIMÕES, 2007. p.40)

Em meados do século XIX, face ao veemente processo de industrialização impingido às cidades, o caos se agrava e variações significativas eram notadas na sociedade. Resultando numa temporada de adaptação às novas exigências espaciais, estas passam pelo movimento higienista, uma tentativa de uma política de reconstrução, buscavam entre outros aspectos intervir, reverter, ou ao menos minimizar a decadência desses espaços públicos e privados, procurando distribuí-los de forma mais igualitária. Para suprir o déficit e a má qualidade das habitações, o urbanismo nesse momento privilegiou a facilidade técnica da construção de edifícios com uma organização sistêmica, dispostos sobre o parcelamento da cidade, em função das necessidades higiênicas.



Figura 1.1 – Londres, Revolução Industrial – Fonte: Benevolo, 1999

Benévolo (2005) acrescenta que a engrenagem capitalista atuou intensamente no tecido urbano, fez com que as estruturas funcionais como a tipologia de quadras, avenidas, ruas e até mesmo as edificações fossem estandardizadas; tornou volúveis as relações sociais, dividiu o espaço do ser humano no seu habitat e produziu um novo, onde este era o principal agente sobre a natureza, deixando de ser passivo em relação a mesma para se tornar ativo, determinando as transformações nos sistemas urbanos.

Diante desta situação, a espécie humana passa a ver a natureza como fonte de recursos naturais inesgotáveis onde seus objetivos se concentravam na exploração, produção, circulação e principalmente no consumo de bens. Santos (2008) diz que para tanto houve uma transformação dos instrumentos de trabalho, com a utilização da máquina, que antes eram um prolongamento de si em extensão da terra, adições artificiais à própria natureza, duráveis ou não, com a predominância desses instrumentos imóveis sobre os móveis. Essas mudanças efetuadas com intuito de agregar à natureza novos elementos são encontradas nas cidades tanto em suas obras de infra-estrutura tais como: pontes, edifícios, auto-estradas, etc. como nos espaços livres públicos. Esse exemplo de ação suscitou variadas reações, e críticas contundentes aos males produzidos pelo sistema e exploração do meio de forma desregrada.

Entre o século XIX e início do século XX, em oposição ao modo como as cidades se desenvolviam surgem movimentos em prol das áreas verdes nos espaços livres, concomitantemente surge de fato o urbanismo, com a proposta de planejar uma cidade “perfeita”, que tivesse bom desenho e permitisse um planejamento exequível, procurando um diálogo ente a cidade, a paisagem artificial e o ambiente natural (com seus recursos próprios). Resultando numa aproximação dos cidadãos a essas paisagens verdes, desta forma atendendo às funções sociais, situação considerável para o adiantamento dos séculos seguintes.

Com o intuito de melhorar sua estética, refrescar e amenizar o clima dentro das urbes, proporcionar espaços integradores de forma a incentivar o contato com a natureza, servir de ponto de encontro entre gerações e públicos heterogêneos e estimular o convívio entre os cidadãos.

Para tanto, é importante ressaltar a influência do arquiteto paisagista Frederick Law Olmsted que primava em defesa do uso otimizado e controlado das áreas sem uso na malha urbana gerando oportunidades de divertimento além de valorizar os recursos naturais, produzindo lugares agradáveis para habitar e passear. Essa linha de raciocínio além de inspirar e dar origem a inúmeros parques e jardins públicos, foi aprimorada pelo urbanista Ebenezer Howard<sup>3</sup>(2002) que baseado num conceito de urbe transformada em paraíso verde criou a "cidade jardim " ou "cidade verde".

Este modelo de urbanização foi definido a partir dos seguintes princípios básicos: a distribuição de áreas verdes públicas ao longo da cidade, destinada ao lazer (como Olmsted) e atividades desportivas de acordo com os critérios de zoneamento funcional, a edificação integrava-se à paisagem e organização do traçado urbano. Ambos mudaram principalmente o conceito de qualidade ambiental urbana e tinham a proposta de cunho social, econômico e territorial, procurando sanar os males causados por essa revolução.

“Igualmente preocupados com a situação estariam os urbanistas da época. Não é pois de estranhar que a partir de finais do século XIX alguns urbanistas, imbuídos por ideais higienistas, comecem a adotar novos conceitos de planeamento da cidade, procurando ir ao encontro da concepção de formas urbanas mais saudáveis.” (SIMÕES in A CIDADE E A SAÚDE, 2007, p.41)

---

<sup>3</sup>Ebenezer Howard foi um, entre vários, entusiastas que buscavam tal constituição melhor de cidade e propôs a Cidade-Jardim em 1902. A Cidade-Jardim foi uma tentativa de combater os males sociais e ambientais produzidos pelo desenvolvimento econômico, pelo inchaço urbano desordenado, e pelo crescimento populacional. Sua proposta era a criação de uma nova cidade, auto-suficiente dos incômodos gerados pela cidade de Londres no final do século XIX.

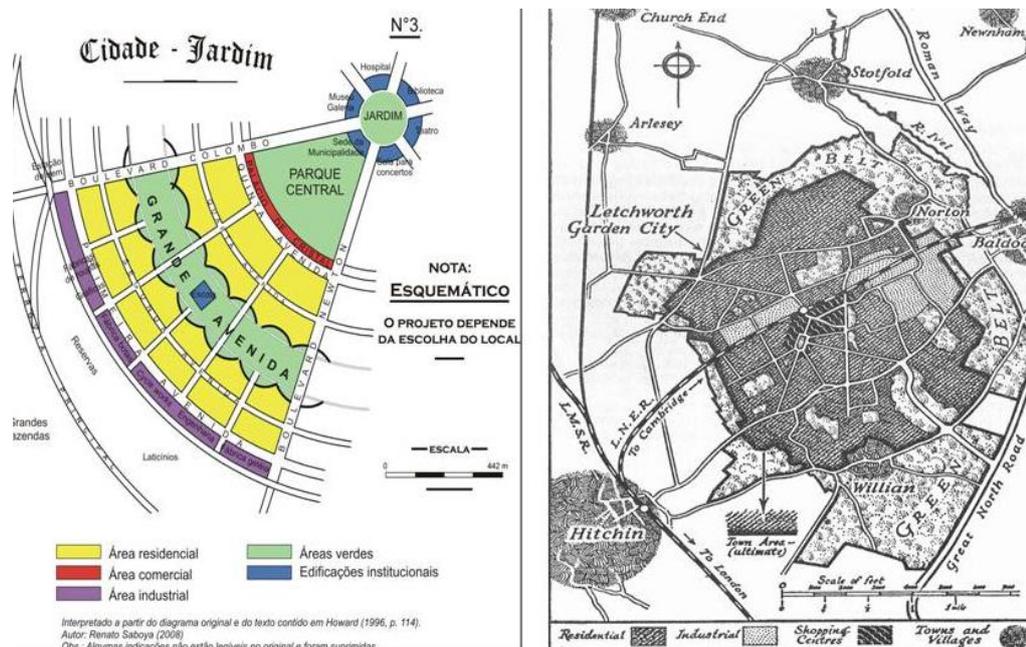


Figura 1.2 – Esquema da Cidade Jardim, Letchworth Garden – Fonte: Howard, 1996; Benevolo, 1999

Infere-se assim, o papel de toda uma ideologia da forma urbana com o ideário subjacente de cidade desenvolvida, bem sucedida e civilizada, ganham espaço a partir do final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX.

Significa dizer que os movimentos da sociedade para transformar e atribuir novas funções às formas geométricas, organizando então o espaço, revelam a complexidade sócio-político-cultural e econômica que esta estava vivenciando nesse período, acontecimento que influenciou sobremaneira no modo de vida das pessoas igualmente no resultado da paisagem nas cidades. Simões (2007) verifica que no tange à criação dos Parques e Jardins Públicos a ideologia política, reveladora de uma concepção positivista, apontava a direção do discurso de embelezamento, salubridade e higienismo urbano a fim de inserir na imagem da cidade, os diversos elementos que oferecessem condições para a observância do que antes carregava fortes características pré-industriais e agora evidenciava uma nova cidade moderna.

A partir daí a forma das cidades foram repensadas e um novo perfil adotado, priorizando sempre que possível, a produção de áreas vegetadas, considerando um conjunto de condições propícias à saúde, estética e ambiência, direcionados ao desfrute de seus habitantes passando a ser um local que proporcionasse tranquilidade e distração.

Portanto, podemos dizer que os Espaços e Áreas Verdes Públicas fossem de caráter coletivo ou cívico tornam-se evidentes com a atuação do mercantilismo, quando as cidades se encontravam degradadas e fora de ordem, necessitando de zonas que trouxessem categoria ao meio ambiente e urbano tão comprometido.

No século XX, um novo modelo de urbanização é adotado, resultado de reflexões críticas em relação às modificações sofridas na organização das cidades, ditada pelo capitalismo. Surgem teorias sociais e utópicas, conseqüentemente o urbanismo se consolida, há um avanço nas atividades teóricas e práticas, a criação das primeiras leis - os primeiros projetos urbanos de fato, privilegiavam os elementos morfológicos da cidade como a construção de equipamentos urbanos, procuravam despersonalizar os espaços e as edificações em busca da cidade ideal.

O que ocorreu de fato na segunda metade deste século, foi que, decorrente de tantas variações econômicas, sociais, tecnológicas e sobretudo ambientais, fez com que houvesse uma primeira mutação em conceitos existentes sobre o espaço construído, suas necessidades sociais e a maneira como estes se integram ao recinto naturalmente. Manifestam-se estudos e censuras ao modelo da cidade moderna, com um enfoque mais aprofundado na relação do espaço público, com sua população possibilitando o acontecimento de práticas sociais.

Daí, ressurgem repaginados os jardins e parques públicos. Grande parte das cidades passam a receber o uso específico da recreação e a sociedade se sensibiliza para importância desses sítios como instrumento de intervenção nos espaços públicos e sugerem a incorporação do valor da paisagem em relação a estes no planejamento da ocupação urbana, não devendo ser descontextualizada, dado que esta é um objeto vivo, num espaço dinâmico. Essa análise do espaço e da paisagem envolvente nos permite apreender características específicas do local, como a relação entre os elementos presentes da paisagem urbana (espaços construídos) e componentes da paisagem natural (espaços livres).

Falcón (2007), destaca que o parque e sua estrutura física aparecem com uma nova identidade visual, e de ampla dimensão, fazendo com que seja fundamental encontrar um ponto de harmonia entre os aspectos ambientais e a urbanização. Primeiramente na Inglaterra, em Londres, James Pennethorne 1842 projeta o Victoria Park e em 1847 Joseph Paxton Liverpool o Birkenhead, seguindo essa tendência os Estados Unidos da América Olmstead e Clavert Voux projetam em 1858 o Central Park, exemplos dessa nova aceção. Olmstead opina em relação a concepção dos parques dizendo:

“Os parques surgiram como mero resultado directo de qualquer grande invenção ou descoberta do século. Não são apenas um aperfeiçoamento do que possuíamos anteriormente, nascendo sim de uma evolução geral das artes aplicáveis aos mesmos. Não é evidente que o movimento tenha sido adoptado num país para imitar o que existia noutro; todavia poderá ter sido influenciado ou acelerado.(,,,)” ( OLMSTEAD, *in*Parques Urbanos (2006) p.29)

De modo geral, a definição do seu propósito nasce sob a forma mais ampla de tratamento do espaço, mas se expande e se consolida com os valores sociais, a este atribuído.

Nessa época, sua estrutura e elaboração assumem uma postura mais alargada de conceitos e definições, estas, anteriormente voltadas para fins recreativos, cederam espaço a uma necessidade incondicional dentro do universo da expansão urbana. O progresso do segmento deu um novo 'time' a rotina de trabalho bem como propiciou a criação de edificações mais leves nos locais circunvizinhos.

Após terem sido feitas pesquisas que abordavam sobre o desenvolvimento dos parques urbanos no continente europeu, nasce a dedução que, com o passar dos anos, os espaços foram novamente se modificando e sua estrutura passou a ser influenciada por características sócio-econômicas e culturais. Estas mostraram que o pressuposto trata diretamente de assuntos voltados à características de comportamento e percepção, conseqüentemente, abrange aspectos voltados para convivência social, também considerados pelos jardins.

Esse tipo de leitura privilegiou, os projetos paisagísticos, que variavam assim como a dimensão, o uso e a função de cada lugar, sem que houvesse a exclusão das anteriores, o que levou, e ainda o faz, a criar traçados específicos que reflitam a identidade e a necessidade momentânea de um povo. Falcón (2007) resume a questão colocando:

“Probablemente, el sistema verde ideal consista en una combinación equilibrada de zonas verdes e diversos tamaños e usos que se complementam entre si”. (FALCÓN, 2007, p.39)

Assim, adotando uma plurifuncionalidade acumulativa responsável pela ausência da determinação formal deste equipamento urbano na contemporaneidade, concomitantemente se torna repositório de sentidos. Segawa (1996) explica que os já existentes passaram por revisões estéticas e ambientais, isso no que se refere aos anos 30. Na década de 50, a tendência de um novo paisagismo vem com o intuito de valorizar as áreas verdes e torná-los ainda mais agradáveis ao ponto de despertar o interesse ao público de mais idade. O movimento ecológico aparece como maneira reivindicatória a uma melhor qualidade de vida, em resposta surgem os parques e jardins públicos específicos com o objetivo de recuperar áreas degradadas.

Nessa perspectiva, reconsidera-se igualmente neste período que para se obter uma troca significativa em sua estrutura urbana a polis tinha que ser encarada como acúmulo de experiências históricas e que evoluiu com o tempo. Isso acarretou numa segunda mudança, incorporada ao planejamento, onde o modelo de “cidade ideal” cai e dá lugar à “cidade real” com uma planificação realista que passa pela solução de problemas concretos, tentando de forma

prática controlar esse aumento. Conseqüentemente, passou a ser entendido como um curso cíclico, onde os resultados obtidos voltaram a ser usados como base de análise para outras etapas do processo. Essas mutações que vinham ocorrendo independente do significado ou quadra procurava responder da melhor maneira a um dos objetivos comuns das infindáveis discussões urbanas: buscava-se uma constituição melhor de cidade.

Logo, se a revolução neolítica teve como resultado o surgimento das primeiras cidades, a revolução industrial significou uma profunda alteração em sua estrutura pois o cenário urbano, ambiente, criado pelo próprio homem, que tornava-se cada vez mais “inabitável” a cada momento adotava e até agora o faz, uma feição diferente na produção do ambiente construído, estava constantemente a ser “reorganizado”.

### **1.3. Aspectos conceituais de Jardins e Parques**

De uma forma geral o jardim é uma estrutura física, fruto da criação humana com propósitos variados dependendo do destino a que se propõe, influenciando na determinação dos elementos ali colocados. No entanto, independente da época e feição o elemento comum em todos, é a vegetação, sem a qual o termo jardim não faria sentido.

Com o propósito de ampliar a capacidade de compreensão acerca das apropriações conferidas aos jardins privados ou presentes em espaços públicos (formalmente constituídos), são colocados a seguir desde seu conceito semântico até às contribuições conceituais de autores variados.

Partindo do significado semântico da palavra jardim encontramos no Dicionário Priberam, o jardim é: “Um terreno onde há plantas de adorno, território bonito e fértil”. Para o Dicionário Michaelis a definição de Jardim é dada como um “Pedaço de terreno, geralmente cercado e adjacente a uma habitação, destinado ao cultivo de flores, plantas e árvores ornamentais. Já o Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (2004) encontra-se a definição de Jardim como sendo “um Terreno, em geral com alamedas, onde se cultivam plantas ornamentais, úteis, ou para estudo”. O guia de Critérios de Avaliação de Projectos de Desenho de Espaço Público coloca que os jardins públicos são: “espaços livres de dimensão e composição muito variada, geralmente abarcáveis com a vista, constituídos por áreas pedonais fragmentadas por áreas ajardinadas geralmente extensas. As áreas ajardinadas são também intercaladas por áreas de recreio com equipamentos de jogos infantis, áreas de repouso com tanques e fontes, quiosques com esplanadas, miradouros vinculados a vistas panorâmicas, tanques com patos, pombais, gaiolas com pássaros, etc.”

Apesar das variadas interpretações de autores pode-se constatar que o conceito de jardim pode diferir e abranger diferentes significados conforme a cultura, época, funções, meios onde estão incluídos, formas, conteúdo e interpretações variadas de autores. Em algumas definições há preponderância da questão ambiental, social e de recreação, estas, expressas de variadas formas. A pintura por exemplo na visão de Vieira (2007) expressava os jardins da seguinte maneira:

“...apareciam as flores, com desígnio de dar prazer aos sentidos da vista e olfato; os frutos para o paladar, a música misturada ao som da água, para os ouvidos. O quadro era sempre um poema visual, pretendendo criar harmonia entre o homem e a natureza, inspirada por um sonho de paraíso terrestre...” (VIEIRA, 2007, p.29)

A percepção dos jardins pelo homem subsistem em várias vivências e dimensões em relação constante ao longo do tempo, e foi sendo criada considerando o ponto de vista antropológico da natureza em sua essência, onde o simbólico se funde ao real, e traz à si uma ótica transcendental ao mesmo tempo que ativa os sentidos. Nesse ambiente as sensações e elementos que o compõem se incorporam e favorecem o desempenho de atividades culturais e artísticas.

O cenário criado pelo jardim, possibilita da mesma forma momentos de contemplação, numa visão mais antiga e que permanece até os dias atuais que em qualquer ocasião podem ser desfrutados ao mesmo tempo em que possibilita várias experiências existenciais permitindo uma interação e/ou intercâmbio constante entre a natureza e o homem, o que associa o poder humano sobre natureza.

Desta maneira, é de vital interesse pensar e analisar o que fica subentendido quanto às temáticas e simbolismo que os jardins trazem à lembrança, as relações estabelecidas entre as mesmas, o modo de vida e forma como são reproduzidas e delineadas com a ocasião.

“O jardim é uma natureza preparada, uma natureza domada, porém conservada,(...); é aí, que se aprende a amar a natureza e sobretudo a não temê-la. À dualidade da nudez e do nu corresponde a dualidade do lugar e da paisagem se, como o jardim, a paisagem é trabalhada pelo homem e para o homem; a arte dos jardins não é simples objeto de ornamentação , é uma arte de viver, uma arte de descansar da vida e de seu tumulto. Não é por acaso que os primeiros jardins conhecidos tenham nascido no meio do deserto (na Mesopotâmia), devido a um trabalho de irrigação que pareceu surgir do nada um oásis de fecundidade e frescor. O jardim realiza o mito da ilha encantada que, protegida dos ventos do cosmos e da história, torna a se fechar num espaço tranquilizador de sedentário; terminado, por algum tempo, o errar cheio de riscos do espaço nômade, um outro errar começa, o da imaginação ocupava em se encantar com suas próprias produções, dentro do jardim” (MICHEL RIBON, p. 107 *in* VIEIRA, 2007, p.57)

Apesar de extensa a citação de Ribon *in* Vieira (2007) descreve perfeitamente a “alma” do jardim. Este que no imaginário popular, em sua denominação, foi sempre associado ao “parque” e vice-versa, pois os dois têm como objetivo valorizar o verde, são sítios de descanso e lazer, constituídos principalmente de plantas e equipamentos para uso recreativo. Ambos surgiram a partir dessa necessidade que aos poucos foi se integrando aos planos urbanísticos e procuram ser uma extensão dos espaços privados e integrar-se aos cidadãos.

Para falar a respeito dos parques urbanos é necessário considerar a definição conceitual do espaço. Muitas vezes, esta é atrapalhada devido às divergências entre seus usos, dimensões, equipamentos e como são administrados.

Os parques possuem, como característica principal, a delimitação do seu espaço físico. Os limites externos são ruas, avenidas e demais equipamentos. Este, uma vez implementado, sendo exclusivamente, de caráter urbano, deve abrigar adaptações ao planejamento como caminhos secundários para interação com peões, além de contar com uma vegetação diversificada composta principalmente de arvoredos, podendo também conter um jardim. Segundo Olmstead, cujo raciocínio semântico deve ser ressaltado, a palavra assim utilizada remete a lugares com amplitudes espaciais, dotadas de qualidades necessárias. E, num sentido mais amplo, conjuntamente remete à paisagem e cenário. Abbud (2006) complementa o raciocínio colocando que a natureza deve se sobressair em relação ao entorno quando visada pela primeira vez.

Continuando com o significado semântico, podemos atribuir à palavra parque as seguintes definições segundo Dicionário Aurélio: 1) “Bosque cercado onde há caça”. 2) “Extensão de terreno arborizado e fechada que circunda uma propriedade, ou a ela está anexa: o parque do castelo”. 3) “Região natural de um país ou de uma região posta pelo governo sob sua proteção legal a fim de preservar sua fisiografia, flora e fauna: parque nacional, parque marinho”. O Priberam coloca: 1) “Terreno murado para plantas ou para caça, imediato a algum palácio; tapada.” Já o Dicionário Michaelis: 1) “Terreno mais ou menos extenso, com muitas árvores de grande porte destinado a passeios, exposições ou ambos ao mesmo tempo.” 2) “Jardim extenso, particular ou público”. No guia Critérios de Avaliação de Projectos de Desenho de Espaço Público: 1) “espaços livres de superfície considerável, geralmente não abarcáveis com a vista, constituídos fundamentalmente por áreas ajardinadas, entre as quais se intercalam passeios, caramanchões, áreas de repouso e de recreio, miradouros, lagos, tanques, fontes, monumentos comemorativos e construções diversas (pavilhões, estufas, quiosques, pérgolas,

etc.) Dentro desta classe podem considerar-se parques vocacionados para determinado tipo de actividades específicas, como é o caso dos parques desportivos.”

Podemos perceber que tanto os conceitos, como as funções dos jardins e parques se assemelham. Uns, focam numa concepção do passado, outros já se enquadram na ideia atual (popular) do que vem a ser os mesmos. Porém, todos convergem para mesma função: de que esses ambientes tem forte impacto dentro de um contexto social e oferecem uma gama de vantagens para a população que venha a desfrutar de sua estrutura. Desde a permissão de entrega dos seus visitantes às vontades como passatempo, sossego, distração, e como também possibilidade de socialização voluntária.

Contextualizando, mesmo sendo os jardins e parques uma tentativa de representação da natureza no espaço urbano, uma leitura do ambiente natural, em um artificial, cada cidade guarda uma relação específica com estes, adequando-os às suas necessidades. São espaços artificiais que buscam humanização, naturalização do espaço urbano, respeitando o meio ambiente e permitindo a descontração e ao mesmo tempo, outras funcionalidades.

## **2. O Jardim e o Parque, paisagens artificiais que compõem a Urbe**

Considera-se a necessidade de refletir como essas paisagens foram e ainda são moldadas pelo ser humano expressando cenários reais, resultado de um processo da vida social urbana, que traduzem, em suas formas, as concepções da cultura determinante no momento de sua produção.

### **2.1. A origem da desnaturalização da paisagem**

Ao longo dos anos na natureza, cooperando para o crescimento da sociedade, diversas paisagens foram formadas e algumas transformadas pela ação do sujeito conforme suas necessidades e aspirações, intervindo diretamente na estrutura urbana, bem como nas relações entre o espaço cultural e arquitetônico, dando origem à paisagens artificiais (independente do grau de intervenção sofrido). Ferrari reforça a afirmação do texto acima, colocando que o paisagismo, a arte de converter paisagens nada mais é que:

“Arte que visa à criação, preservação ou reforma da paisagem urbana, principalmente, ou da rural. O ajardinamento dos espaços urbanos não-construídos é um dos principais objetivos do paisagismo”. (FERRARI, 2004, p.264)

A princípio, na pré-história, já se tem registros de que a espécie humana interfere na paisagem natural a fim de estabelecer sua identidade em um meio desconhecido, utiliza sua capacidade de estruturar e ajustar-se ao habitat em que vive, fazendo uso dos sentidos para esta prática. Vieira (2007) coloca que um dos tipos de mudanças feita pelo homem nesta temporada era reposicionar grandes pedras para compor a paisagem artificial. Nesse caso podemos dizer que baseado no local que o cercava, desenvolvia e o adaptava às circunstâncias do momento.

Esse tipo de comportamento adotado pelo homem o fazia sentir-se mais seguro, diante das variações do tempo na paisagem desses locais. Fenômenos naturais como alterações climáticas decursivas das estações, que interferiam na vegetação e luminosidade dos dias, fosse ela noturna (influenciada pelas fases da lua), ou diurna, sofria ação de fatores naturais como o alvorecer e/ou crepúsculo. Nuances da luminosidade natural ou artificial igualmente contribuíam em sua distinção. Estas, que permitiam diferentes cenários, sofrendo modificações fossem ao longo do dia, de um ano ou de muitos anos.

“A paisagem tem a função de formar o fundo contínuo da nossa imagem ambiental” (MUGA, 2006, p.94).

Através dos tempos sua motivação muda, o ambiente antrópico (produzido pelo próprio homem) continua sendo composto pela inserção de elementos que reproduzem o ambiente natural, porém surge o intuito de materializar a vontade do subconsciente do mesmo, em recriar o Éden – local considerado de paz, símbolo da perfeição capaz de trazer boas sensações. Deixemos, pois, Vieira confirmar as análises acima:

“Ao buscar o Édem o indivíduo procura salvar sua alma rompendo com valores estabelecidos e almejando um viver regido pela virtude e pela justiça. Tanto naquele tempo quanto nos dias atuais, cada esforço de resgate ao jardim volta a ser uma lembrança de um viver junto à natureza, fonte de prazer, lazer e reflexão; um sonho que encontra na utopia uma parceira ideal para a busca da liberdade, um poder de renovação no curso da história, cujo desejo de um mundo melhor pode tornar-se realidade.” (VIEIRA, 2007, p.55)

Assim o espaço onde o indivíduo atua é como um conjunto formado por elementos naturais, geográficos e sociais não dissociáveis, complementados pela sociedade em movimento que dá vida ao mesmo, e o preenche. Neste mesmo espaço livre público as relações sociais modificam-se com o passar do dia. Diferentes pessoas frequentam um mesmo lugar em horários distintos, variando o tipo de público, fluxo e sua permanência nesses lugares, transformando assim a paisagem. Para Santos(2008) o espaço é uma equação temporária entre as formas espaciais e o substrato social, onde a paisagem inserida é constituída por condições heterogêneas tanto artificiais como naturais. O convívio social presume uma abundância de funções e quanto mais numerosas, maior a multiplicidade de indivíduos e formas, e dado ao grau de progresso e tecnologia da atualidade mais nos afastamos de um mundo simples e natural. Se avaliarmos o aperfeiçoamento das formas de produção, constataremos as variadas transições graduais do artifício, sob forte influência da cultura se tornando cada vez mais significativa e marcante, sendo a provável trajetória da evolução.

“Os movimentos da sociedade, atribuindo novas funções às formas geográficas transformam a organização do espaço, criam novas situações de equilíbrio e ao mesmo tempo novos pontos de partida para um novo movimento.” (SANTOS, 2008, p.106)

## **2.2. ...e nos dias atuais.**

Atualmente está mais difícil apreender e separar o artificial do natural devido às intervenções mais constantes e diversas no espaço. Nos espaços livres públicos como parques, jardins, praças entre outros, encontramos essa manifestação de paisagem “natural” artificializada<sup>4</sup>, pois,

---

<sup>4</sup>No momento em que essas estruturas são criadas no tecido urbano sabe-se que haverá uma reestruturação, mudanças em vários aspectos no mesmo, principalmente quando se trata da incorporação dos espaços de integração urbana, espaços construídos e espaços livres.

em sua composição estão presentes elementos naturais como lagos, vegetação de variadas espécies e portes (árvores, arbustos e relva). Contudo, sabemos que essas transformações do natural em artificial implicam cada vez mais no uso de instrumentos mais específicos para cada área e domínio das técnicas aplicadas, considerando a relação entre a paisagem e os objetos que o indivíduo cria para utilizar em seu trabalho. Alguns desses instrumentos não são materiais e sim sensoriais, no entanto constam como elementos indispensáveis à produção, estes que são ativos, sujeitos à modificações de acordo com a necessidade da ocasião, são fruto da atividade sensorial do homem, de sua linguagem, de sua cultura, considerados e expressos na concretização de uma modificação em um meio.

Essa paisagem humanizada exerce a função de equilibrar fisicamente<sup>5</sup> e esteticamente a cidade, de forma a promover o contato homem-natureza refletindo no bem-estar físico e na saúde psíquica do ser humano que é de extrema importância e demais seres vivos, bem como uma convivência harmônica no seu cotidiano.

Se tratando de áreas passíveis de intervenções, faz-se necessária a análise apurada, uma vez que trabalha-se com memória do povo e história do lugar (que pode vir a ser recriada), sempre em constante movimento, que levam em consideração vivências, práticas e representações. Assim, uma intervenção bem planejada e que não cause tantos impactos sobre a paisagem, espaço público, e pessoas que vivenciam o mesmo, deve ser multidisciplinar e apontar para um diálogo entre o “antigo” e o atual” considerando os fatores históricos, estéticos, funcionais, sociais e naturais que compõem a mesma . Dentro dessa abordagem Benévolo diz que:

“A cidade, no seu conjunto, forma um organismo artificial inserido no ambiente natural, e ligado a este ambiente por uma relação delicada; respeita as linhas gerais da paisagem natural, que em muitos pontos significativos é deixada intacta, interpreta-a e integra-a com manufatos arquitetônicos.” (BENÉVOLO, 1999, p.80)

Para tanto avalia-se a memória coletiva em suas imagens e representações e o tipo de relação que o utente estabelece com este espaço. Essas alterações devem prestar atenção às pistas deixadas pela comunidade, que por vezes se apropriam dos mesmos executando modificações, visando satisfazer suas necessidades, deve-se considerar a capacidade de adaptação às infra-estruturas públicas impostas pelo sistema que o planeja.

---

<sup>5</sup>Relativamente à dimensão biofísica, é imprescindível que haja consonância entre os modelos de paisagem suas formas de uso e funções urbanas, para que seu potencial de flexibilidade seja totalmente aproveitado.

Outrossim, verifica-se que o processo de dar um novo significado e qualificação a essas paisagens e a arquitetura estão relacionados proporcionalmente ao que se considera espaço urbano e arquitetura enquanto lugares simbólicos sempre vivos na lembrança do povo. A partir do sentimento de pertença de determinados povos, essas mudanças operacionadas nas paisagens e arquitetura sofrem influência tanto da política como do consumo dos lugares na reminiscência, produção, uso e apropriação por grupos sociais diferentes.

Definida essa perspectiva, afirma-se a importância estar atento a todas informações oferecidas pelo meio, o compromisso de criar e/ou reabilitar uma paisagem (mesmo que esta não seja natural) que propicie uma integração aprazível da sociedade ao meio ambiente, visto que a privação deste contato ao indivíduo, torna-o vulnerável a desequilíbrios no binômio mente/corpo, produzir espaços públicos contextualizados e inseridos na rede de crenças e valores sócio-culturais-econômicos, uma vez que as experiências subjetivas dos utentes passam por critérios seletivos, de natureza psicossocial, determinando a forma de relacionarem-se com o ambiente.

Logo, um projeto urbanístico ou arquitetônico leva à recriação da paisagem (considerando que ali podemos encontrar elementos de várias épocas), que segundo Santos(2008), esta não se cria de uma só vez, mas por meio de modificações, que se troque ou inclua coisas, é uma sequência dos meios de trabalho.

Em suma, a paisagem, é o fruto das condições sociais em que vivemos, e da forma como intervimos na mesma<sup>6</sup>, a “via” que uma cultura se expressa. Essa dinâmica espécie humana/paisagem através dos tempos, nos revela símbolos que nos falam de seu passado, presente e futuro, nos mostram alguns objetos que por vezes não se encaixam em sua totalidade nos planos de análise porém o compõem. A humanização da paisagem deve ser feita com equilíbrio entre as intervenções do homem no meio que habita ou na cadeia produtiva procurando manter um desenvolvimento sustentável.

---

<sup>6</sup>Essa produção constante do espaço urbano muda as paisagens socialmente, culturalmente e economicamente o que na maior parte das vezes atua diretamente na forma como recursos naturais e o meio físico são explorados.

### 3. Necessidade e Função das áreas verdes nos Espaços Livres Públicos

O Espaço Público e o Privado (características espaciais) existem desde a Pré-história, mais precisamente desde a sociedade neolítica, onde já se observava a organização das cidades, e por consequência, dos espaços acima citados. No entanto foi na Grécia Antiga, com a Ágora em Atenas, que o espaço público foi o foco, um ponto referido na polis onde os indivíduos podiam exercer a cidadania livremente (debater sobre assuntos diversos), enquanto o espaço privado, era reservado àqueles de maiores posses. Embora, a literatura nos mostre que estes locais foram mudando seus significados e características com o decorrer do tempo (em outras civilizações), se adaptavam às formas de apreender e fazer uso dos mesmos, instituindo, recriando ou eliminando elementos à sua paisagem.

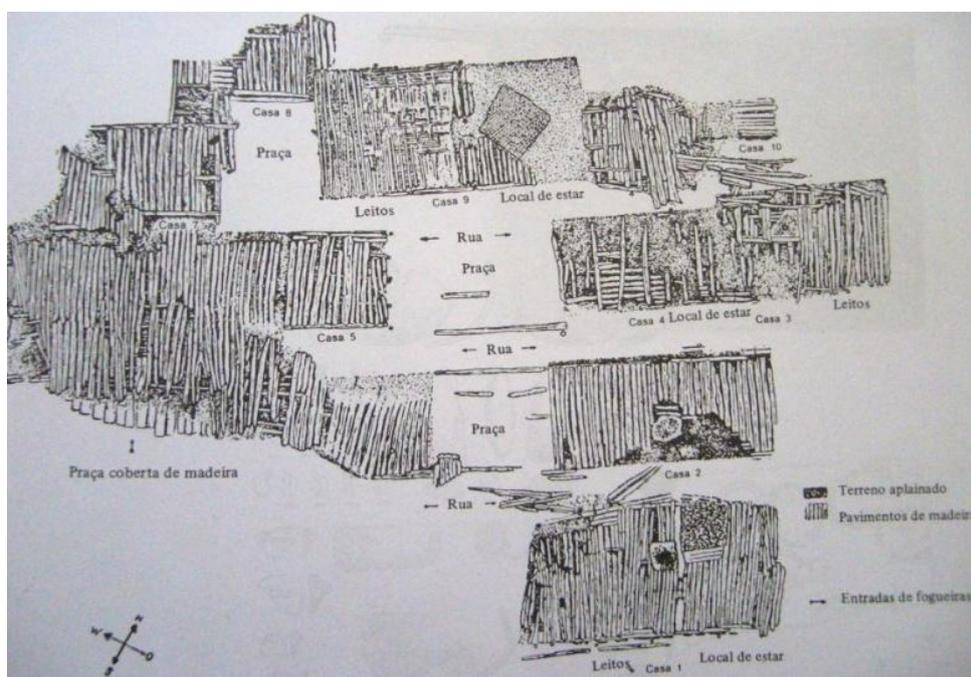


Figura 3.1 – Aldeia Neolítica de Aichbuhl em Federseemoor, na Alemanha (cerca de 2000 a.C)– Fonte: Benevolo, 1999.

Ao longo da história do espaço público percebe-se que alguns componentes estão sempre presentes em sua composição, porém cada um desses assume maior importância dependendo dos valores da época, uns associados ao poder, outros às relações sociais e/ou à configuração espacial, onde coexistem articulados dialeticamente. Portanto, está em constante modificação; é o local no qual acontecem as relações sociais, um lugar de encontros e de práticas cotidianas, de conflitos, reflexo de uma sociedade dividida, rica em mistura e em diversidades culturais, onde a cidadania pode ser concretizada.

Com o decorrer dos anos o conceito dessas áreas evoluíram, bem como o conceito de paisagem relacionado aos mesmos. O que real é que essas áreas ajudam montar a imagem da cidade. Del Rio (1990) coloca que a perspectiva contemporânea em relação aos espaços livres públicos enquanto área plantada que vem a compor a imagem da cidade, está diretamente relacionada à concepção do espaço público na mesma, com o próprio meio urbano em sua morfologia e apropriações. Significa dizer que há, nesta relação, a presença de fatores sócio-econômicos inerentes à construção e conseqüente reorganização destas formas urbanas.

Bem assim, “ Pensemos no mundo como um grande jardim e , então, consideremos apenas esta pergunta: o locus urbis, uma vez determinado, de que modo influencia o indivíduo e a coletividade? Essa questão interessa-me apenas no sentido que Marx Sorre deu à indagação básica da ecologia: de que modo o ambiente influencia o indivíduo e a coletividade? Marx Sorre respondeu que essa pergunta é ainda mais interessante quando formulada junto com sua recíproca: de que modo o homem altera o seu ambiente? Com isso a ecologia humana muda bruscamente de sentido e abrange toda história da civilização .” ( Jacques Leenhardt, 1966, p.89 et al. VIEIRA, 2007, p.195)

Pode-se inferir que essa subjetividade social está ligada à apropriação do sítio, independente das relações que se estabeleceram por ocasião da definição e construção do meio urbano. Assim, as possibilidades de uso indicadas pelo ambiente urbano construído e as possibilidades de uso intuídas a partir dele, poderão ser adaptadas às necessidades, desejos e intenções que não tenham sido satisfeitas por ocasião da construção do local.

O urbanismo vê o espaço público como um local de uso comum a todos, apoderado espontaneamente pelos habitantes de uma cidade e de acordo Del Rio (1990) são classificados referentes a sua categoria, tipologia e uso conforme definições abaixo:

Quanto a categoria, são considerados espaços livres aqueles em que a população tem ao seu dispor equipamentos urbanos como jardins, praças, parques entre outros que permitem lazer e entretenimento. Também existem aqueles com áreas plantadas (áreas verdes) e finalmente, os edificados com suas construções e malha viária urbana que possibilita a circulação nesse meio.

Em relação a tipologia, ela pode ser analisada em relação à sua função que está ligada à capacidade de desfrutar do espaço e seus equipamentos em sua totalidade, levando em consideração sua morfologia e tamanho, como também às questões do ambiente associadas às condições de salubridade e conforto do local e por fim, às questões estético-simbólicas relacionadas às expectativas da sociedade e seu comportamento.

No que se refere ao uso dos espaços livres públicos, estes são colocados ao dispor da população em geral, porém, há que se considerar que os mesmos são regidos por normas diferentes, estabelecidas pela administração pública de cada zona o que também ocorre com espaços públicos/privados entretanto estes podem ser regidos conjuntamente pela iniciativa privada. Finalmente, o espaço privado, pode pertencer a uma coletividade ou se restringir ao uso unifamiliar.

Contudo, existem outros pontos de vista e definições atribuídas por variados urbanistas do que vem a ser espaço público. Como exemplo, podemos citar Lynch (2007) que define o espaço como livre, por não ter formalidade, proibições e/ou obstáculos no tocante ao uso, não estar contido em edificações, estar isento destas ou com o mínimo possível.

Dessa aferição, coloca-se que o atual planejamento urbano e o redesenho das cidades devem tentar incorporar espaços que contribuam para a melhoria da qualidade do ambiente urbano, induzindo à humanização dos centros urbanos e neste argumento, as áreas verdes urbanas desempenham um papel decisivo, dado que reforça o acesso do público à natureza como um direito social bem como a necessidade de diversão de baixo ou nenhum custo dentro das cidades, para atender aos habitantes em seu tempo livre. Del Rio (1990) é a favor da quantidade desses espaços públicos e considera relevante as funções desempenhadas pelos mesmos no contexto urbano.

### **3.1. Equilíbrio Socio-ambiental proporcionado pelas áreas verdes**

Já se sabe que a presença de áreas vegetadas nesses sítios inseridos nos centros urbanos vai além da valorização visual e econômica da paisagem e exerce sobretudo uma função sociológica, pois traz benefícios tanto para o meio ambiente como para o homem como já foi mencionado anteriormente, porém só serão melhor explicados na seção a seguir quanto aos parâmetros análise. Terão como objetivo procurar e explorar fundamentos para o uso do significado de espaços livres públicos e tentar integrar de forma articulada ao conceito das áreas verdes e suas funções desempenhadas e efeitos associados aos mesmos. Ainda sobre o assunto, Falcón (2007) defende que:

“ Los elementos verdes son los que pertinen esponjar la estructura urbana. Los porcentajes de espacios verdes sobre su superficie total, que suelen expresarse en cantidad de vegetación disponible por habitante o en árboles por ciudadano, son un de los principales indicadores de la calidad de vida en una ciudad. Por esta razón, el objetivo no debe consistir solamente en generar espacios agradables, sino, también, en cubrir una serie de carências ambientales.” (FALCÓN, 2007, p.24)

No caso do meio ambiente, Falcón (2007) coloca abaixo alguns dos principais pontos por ele defendido em relação às áreas verdes. Esta que atua mantendo o equilíbrio entre o clima, o ar, o solo e a vegetação.

Em relação ao clima, reduz a velocidade do vento, auxiliando no conforto térmico ao filtrar e refletir a radiação solar, amenizando as temperaturas extremas, interferindo assim no microclima urbano. Quanto ao solo, equilibra a quantidade de água absorvida e liberada pelo mesmo, mantendo a umidade consequentemente controlando sua temperatura, além de equilibrar sua fertilidade e permeabilidade, combatendo a erosão. Contribui na redução da poluição atmosférica, pois através da fotossíntese recicla os gases como monóxido de carbono, chumbo, benzeno, além de agir contra microorganismos e bactérias, purificando o ar. Já em relação à poluição sonora, minimiza o barulho dos centros urbanos. E por fim, agregam valor estético contribuindo visualmente na ornamentação da cidade, valorizar portanto o local onde estão inseridas, tornando-se então, em um elemento de interação entre as atividades humanas e o meio ambiente. Logo, torna a paisagem dos centros urbanos menos monótona pois contrasta com as edificações para mais possibilita refúgio à fauna do sítio.

Outros autores, dentre eles Cavalheiro & Del Picchia (1992), Simões (2007), Vieira (2007), Santos (2008), comungam da mesma opinião sobre os benefícios que essas áreas de vegetação podem trazer à cidade e à população.

Como ambientes construídos e dispostos ao longo da cidade, esses espaços livres públicos e suas áreas verdes podem ter diferentes nuances e importância, apresentar várias formas e funções na malha urbana. Têm em comum características que os definem como o compromisso com o meio ambiente, entretenimento da sociedade e seu bem-estar; essas áreas ademais possuem outras acepções, como elementos históricos, culturais, servem de ligação entre zonas da cidade, etc. Tornam possível a percepção interna da cidade e estabelecem relações espaciais entre o entorno do território e a mesma. Proporcionam áreas de significação e identificação da sociedade, bem como para o descanso do habitante. São representados pelas características físicas dos seus componentes: parques, praças, jardins, ruas e avenidas entre outros, projetados para atender às necessidades do convívio em comunidades densamente povoadas.

O uso desses espaços livres públicos e áreas verdes, está diretamente vinculado às funções dadas a esses sítios, sejam em suas propostas de projeto original ou até mesmo às novas necessidades dos utentes; são direcionados ao conceito de lazer, contemplação, descanso, estar. Esses recintos devem ser estéticos e agradáveis, concebidos de forma a captar e

transformar as preocupações dos cidadãos, os incluindo e integrando ao planejamento dos mesmos.

Para que possa atender a todos, diversas faixas etárias e classes sociais, às suas respectivas necessidades, esses locais devem colocar em primeiro plano a acessibilidade a todo e qualquer cidadão ou seja idosos, pessoas com deficiência física definitiva ou temporária, crianças etc., livre de barreiras que dificultem ou impeçam a circulação. Possuir diversas instalações e acomodações, possibilitando escolhas particulares conforme o gosto e a condição física de cada utente, permitindo-lhes interação, socialização e descontração em sua recreação passiva ou ativa ao ar livre, momentos agradáveis sem monotonia e livre de limitações espaciais e do estresse urbano.

“A elaboração de projectos de espaço público deve ser norteada pelo princípio da máxima abrangência e encarada como um factor de coesão social considerado a totalidade do potencial universo de utentes, sem excepção, sendo de evitar as soluções formais e funcionais que promovem a marginalização ou restrinjam o acesso e usufruto de quaisquer grupos sociais ou minorias.” (BRANDÃO, CARRELO e ÁGUIAS, 2002, p. 40)

Esses espaços devem estar em consonância com a natureza, tentando tirar o maior proveito possível do que ela pode oferecer, já que um dos principais objetivos dessas intervenções é integrar os espaços já construídos, aos novos ambientes criados para proporcionar uma situação de conforto aos indivíduos e dar vida ao espaço sem que haja grandes impactos ecológicos

Quanto à valorização do aspecto social, é sempre válido lembrar que as maiores modificações aconteceram a partir da referência da revolução industrial, uma vez que nesse período, houve não apenas um aquecimento da economia, bem como o aumento da jornada de trabalho, o que teve como resultado a busca pelo bem-estar.

Desta maneira, instalava-se uma cadeia de interesses e conseqüentemente se proliferavam os primeiros jardins e parques. Eles chegaram de maneira agregada. Oferecer uma forma de se distrair aos funcionários é aumentar a sua produtividade, e, desta forma, elevar os lucros financeiros de uma sociedade burguesa industrial.

Como resultado destas necessidades, essas áreas vegetadas foram criadas como uma maneira de proporcionar divertimento aos trabalhadores e assim aumentar a sua disposição. O lazer passivo e ativo proposto por esses sítios, sempre esteve associado a conceitos sociais bem como a hábitos remanescentes do passado e da sua capacidade evolutiva. É, portanto, uma linha de união entre a atividade de trabalhar e o repouso.

Porém, para alcançar esse nível de concepção, Christopher Edginton (1995) explica que a sociedade teve que passar por vários períodos. Estes iniciados ainda na sociedade que antecedeu a escrita, onde o homem estava sempre em contato com natureza não por lazer, mas por uma questão de sobrevivência, exercendo atividades como a caça, a pesca entre outros. Portanto não havia distinção entre o laboro e o lazer. Entretanto numa fase mais adiante, voltada à agricultura, o homem começa a mudar sua opinião passa a desenvolver atividades como plantio e colheita em função das estações do ano, e o tempo destinado ao lazer só se fazia quando o trabalho no campo exigia menos. No entanto é a partir da revolução industrial quando o trabalho tornou-se mecanizado e fadigante, que se percebe uma mudança notável, onde a concepção de tempo para a humanidade muda bruscamente, passando a ser bem diferenciado entre os conceitos de tempo de laboro e tempo livre. Mais a frente a vida das pessoas começa a ter uma nova dinâmica e seu comportamento começa a mudar devido aos grandes avanços tecnológicos, alavancado principalmente pelo invento do computador, usado tanto para o trabalho como para o lazer, o que resulta no isolamento das pessoas em suas casas e conseqüentemente um menor contato social.

Ao longo do tempo, esses espaços vegetados foram sendo criados com maior freqüência, planejar um jardim ou parque urbano é sinônimo de atitude ecologicamente correta e satisfação da população como um todo além de propagar questões em direção a preservação do ambiente. Os pontos positivos da sua implementação geram impacto na sociedade, na maneira de viver dos seus habitantes e principalmente na preservação do nosso planeta.

A presença dessas áreas verdes nos grandes centros urbanos propicia também uma melhoria na saúde da sua população, no desenvolvimento humano, na qualidade de vida além de assumir uma postura de socialização, geração de recursos que merecem consideração e conforme o Ministério da Saúde (Portugal),<sup>7</sup> até reduzir o investimento de custos para com a saúde pública e serviços sociais.

“Não há dúvida que a saúde de cada indivíduo é influenciado, positiva ou negativamente, pela qualidade ambiental; ou seja, pela percepção estruturada dos elementos que constituem o meio que o rodeia e o orienta – das oportunidades às opções. Também é conhecida as características ambientais, onde se incluem os espaços verdes e a prática de actividade física.” (SANTANA, (et all) in A CIDADE E A SAÚDE 2007, p.221)

---

<sup>7</sup> [www.portaldasaude.com.pt](http://www.portaldasaude.com.pt)

Estudos científicos<sup>8</sup> corroboram a afirmação que esses equipamentos urbanos são considerados de suma importância, como coadjuvantes de grande peso na prevenção e auxílio no controle e tratamento de algumas doenças, juntamente com aquisição de novos hábitos de vida saudáveis, como alimentação correta, ausência de fumo, álcool, drogas etc. Constituem-se ainda em uma maneira de promoção à saúde da população, mais econômica para as entidades competentes como opção não medicamentosa, além da repercussão social, proporcionando oportunidades de convivência e interação entre diversas faixas etárias. Seus efeitos positivos ainda por cima atuam na convivência familiar, social e no trabalho.

Bem planejados, esses sítios melhoram a habitabilidade nas cidades, e segundo o Dr. Teles Araújo trazem benefícios no *status* de saúde como redução no risco de morte prematura por doenças cardiovasculares; doenças amenzas degenerativas; previne o desenvolvimento de doenças metabólicas; controla e previne a hipertensão; a osteoporose; propicia benefícios musculoesqueléticos; ajuda na manutenção do peso ideal diminuindo o risco de obesidade que é maior nos sedentários; alivia as tensões; reduz o nível de ansiedade estresse e depressão. Além disso, permite benesses para o público infante-juvenil e reforçam o bom desempenho escolar, estimulam o desenvolvimento da psicomotricidade saudável, promovem o arrefecimento da hiperatividade, como também previne maus hábitos entre os jovens.

Para população em geral e principalmente para os idosos que é o caso de Portugal, onde segundo estatísticas do INE - Instituto Nacional de Estatística esse número só tende a crescer; atualmente são 112 idosos para 100 jovens, O exercício físico quando praticado nessas áreas vegetasem função do meio, otimiza o aumento da expectativa de vida, bem como proporciona uma sensação de independência, um convívio em sociedade mais amplo, além de minimizar sentimentos de solidão ou alijamento.

Portanto, exercitar-se de forma contínua é um investimento no futuro e na qualidade de vida, em geral. Assim, concluímos que a manutenção e valorização dessas áreas verdes<sup>9</sup> como jardins e parques não só potencializa as belezas naturais do local mas traz igualmente uma nova faceta para o sítio associado à saúde.

---

<sup>8</sup> Segundo a Revista Parques e Vida Selvagem – Primavera 2010, pesquisas realizadas numa universidade da Holanda concluem que frequentar essas áreas verdes podem minimizar a incidência tanto de doenças mentais como físicas além de beneficiar (num raio de 1 quilometro) os que moram próximos a esses equipamentos urbanos.

<sup>9</sup>Frederick Law Olmsted, já defendia em seu discurso um espaço em escalas variadas no meio urbano (espaço construído) reservado a um ambiente natural, composto por ecossistemas naturais colocando os pontos positivos que estes agregariam tanto a população como a própria cidade.

Estes aspectos fazem com que os habitantes de um centro urbano possam desfrutar dos mais variados recursos e benefícios econômicos, fisiológicos, ambientais, psicológicos e sociais. Mas, para que essa harmonia teorizada seja efetivamente um ponto de mudança e um gerador de oportunidades, é válida uma confluência entre a produção e manutenção de jardins e parques no intuito de torná-los locais cada vez mais interessantes,

Para que a utilização desses espaços sejam vistos como agente agregador da sociabilização, é necessário que haja uma conscientização da população. Com efeito, além disso, é de total relevância considerar a combinação de atividades e ofertar aos frequentadores atividades sociais, ter fácil acesso (adequado a todos); conforto e aspecto atraentes, tornando o ambiente mais humanizado e atrativo para todos que lá frequentem. Como exemplo podemos citar o evento realizado pelo órgão GAIANIMA chamado “Jardins em Movimento” que proporcionou atividades diversas em 2008 (ver anexo 06), no parque e nos jardins escolhidos como estudo de caso.

É notória a importância desses resultados no papel social e democratização<sup>10</sup> desses espaços livres públicos, aliados aos serviços de urbanização e preservação ambiental. Devem atender às demandas do momento revertendo-se em uma valiosa conquista da comunidade.

### **3.2. Conceitos usados na análise do espaço público que abragem aspectos físicos, sociais e ambientais**

Após ter elucidado a origem e conceitos relativos ao espaço público, bem como as funções desempenhadas pelas áreas verdes inseridas no mesmo, passamos aos critérios de análise<sup>11</sup> e seus respectivos significados, estes, aplicados em procedimentos de avaliação qualitativa, com o objetivo de obter características específicas da área. Faz-se uma ressalva que este método de análise não é o único, ainda que este pretenda abranger de forma suficiente e garantir resultados satisfatórios tanto analiticamente como projetuais.

Na sequência, serão comentados de forma sucinta conceitos usados na avaliação desses equipamentos urbanos. Claro que todos possuem seus prós e contras, nem sempre podem ser transpostos, adaptados e/ou aplicados à toda e qualquer situação.

---

<sup>10</sup> Nesse sentido Howard foi um visionário pois era a favor da democratização dos espaços públicos e quando se tratava da dimensão social e econômica a Cidade-Jardim já ficava nítida a preocupação na inclusão de variadas classes sociais, procurando promover a equidade na sociedade, bem como garantir um ambiente mais saudável na cidade.

<sup>11</sup> Procedimento que já foi validado pelo Critérios de Avaliação de Projetos de Desenho de Espaço Público.

### **Identidade:**

Para entender a identidade de um lugar, primeiramente deve-se levar em conta que este é fruto da interação e apropriação do homem com o meio em que vive. Portanto, são distintos e variados os fatores socio-culturais que o representam. Exemplos como a memória coletiva, e sensação de pertencimento entre outros, devem ser considerados ao se planejar algo novo para a malha urbana, procurando sempre preservar a essência do local.

“A paisagem de uma área reflecte a sua história, funções e afinidades com áreas adjacentes. Respeitar estas características, pode contribuir para aumentar o interesse e riqueza da intervenção.” (BRANDÃO, CARRELO e ÁGUIAS, 2002, p. 34)

### **Continuidade/Permeabilidade/Legibilidade:**

A continuidade é a capacidade de compatibilização entre elementos preexistentes que compõem o desenho urbano e os novos. Consequentemente, a permeabilidade é a possibilidade de estabelecer uma conexão visual e física com o espaço, permitindo assim uma melhor legibilidade (leitura) e orientação no mesmo, associando à marcos referenciais advindos dos aspectos visuais da cidade sejam eles artísticos, arquitetônicos ou paisagísticos.

### **Segurança/Conforto/Aprazibilidade:**

A concepção de espaços públicos agradáveis, confortáveis e seguros requer a aplicação de normas como boa iluminação, mobiliário e equipamento urbano de qualidade e ergonomicamente corretos, tanto quanto, observar como e quais tipos de vegetação será utilizada no projeto paisagístico, pois este influenciará sobremaneira no microclima desse sítio e consequentemente no conforto térmico humano.

“Nos projectos de espaço público deve ser dada especial atenção aos fatores condicionantes do conforto humano, como sejam o microclima, a qualidade acústica visual, a qualidade do ar e a segurança.” (BRANDÃO, CARRELO e ÁGUIAS, 2002, p. 37)

### **Mobilidade/Acessibilidade:**

São muitas as definições a respeito da acessibilidade e da mobilidade, estes que acabam por se fundir e complementar. Uma boa mobilidade deve atender satisfatoriamente às necessidades cotidianas dos habitantes com deslocamento de maneira eficiente e segura, para tanto deve evitar barreiras arquitetônicas, integrar os meios de transportes (público ou particular) à zona, e facilitar a realização de suas atividades. Para uma melhor acessibilidade, mais precisamente em

relação às entradas dos espaços, estas podem ser alteradas, removidas e/ou adicionadas de forma a acompanhar a evolução do local.

“Não é apenas o plano físico que importa equacionar à acessibilidade, uma vez que esta questão também se traduz no plano social.” (BRANDÃO, CARRELO e ÁGUIAS, 2002, p. 37)

### **Diversidade/Adaptabilidade:**

Para uma perfeita interação entre o espaço público e a população em que está inserido, este deve permitir opções de alterações e/ou utilização no decorrer do tempo adequando-o às necessidades que forem surgindo. Observando também a capacidade territorial e sua viabilidade econômica e funcional para abrigar eventos quer sejam de caráter cívico, religioso, manifestações culturais e/ou lazer, efêmeros ou não.

“...os locais de maior sucesso prosperam em circunstâncias de mudança, o que significa que o projeto também deve contemplar a possibilidade dos espaços públicos se poderem adaptar a diferentes cenários de evolução.” (BRANDÃO, CARRELO e ÁGUIAS, 2002, p. 41)

### **Robustez/Durabilidade:**

Este conceito está ligado à escolha de material e sua durabilidade, associada à capacidade de adequação e resistência do mesmo ao ambiente e suas intempéries, sendo determinada conforme a função, público alvo e facilidade de manutenção, mais especificamente em relação ao vandalismo e para que este tenha uma vida útil maior.

### **Sustentabilidade:**

Para que um local seja considerado sustentável ele deve tentar atender algumas vertentes como ter preocupações sociais- procurar atender aos anseios da população, para que o espaço tenha uso; ambientais- manter equilíbrio do meio ambiente em relação à cidade; econômicas- ter uma manutenção simples e de baixo custo; e culturais- preservar os significados do local. Brandão, Carrelo e Águias (2002) reafirmam colocando que esses projetos direcionados ao espaço público devem focar nos aspectos citados acima, pois, o objetivo final é aumentar a qualidade de vida do público a que foi destinado.

Em suma, percebemos que na concepção do Desenho Urbano, em sua adequação às necessidades do usuário há que se considerar a integração deste ao meio e suas características físico-ambientais e socio-econômicas. Portanto, a qualidade final do espaço público é o resultado da integração dos aspectos citados anteriormente e a conformação de cada um deles, quer seja em locais de pequenas ou grandes dimensões.

## **4. Metodologia e Estudos de Caso**

### **4.1. Metodologia aplicada aos estudos de caso**

A metodologia da pesquisa consistiu num estudo do comportamento ambiental e percepção dos cidadãos que utilizavam cada sítio e seu desenvolvimento seguiu alguns preceitos encontrados no guia de Critérios de Avaliação de Projetos de Desenho de Espaço Público. O objetivo foi compreender e questionar como se dava o uso desses espaços verdes urbanos e os fenômenos sócio-culturais ali desenvolvidos, ademais possibilitar determinar identidade de cada um, e através de simulações, demonstrar possíveis intervenções em alguns pontos do parque e jardins escolhidos.

No que diz a respeito à natureza da pesquisa podemos dizer que é descritiva experimental. Se enquadra em descritiva pois oferece embasamento teórico sobre o problema, por meio da revisão bibliográfica, documental e de campo e experimental pois manipula diretamente variáveis relacionadas aos objetos de estudo. Ambas baseadas em literatura e pesquisa experimentais já elaboradas e testadas.

#### **4.1.1. Análise e processamento de dados dos estudos de caso**

Primeiramente levantar informações históricas e bibliográficas existentes, considerar a evolução urbana da área, procurando reconhecer a identidade e os elementos simbólicos existentes no local, de modo a compreender a necessidade urbanística e como se enquadra no contexto urbanístico.

Em seguida procurou-se conhecer melhor os sítios onde se ia analisar: visitou-se a área várias vezes, em dias e horários diferentes, para obter o maior número de informações visuais, topográficas e afetivas do local e observá-lo atentamente de modo a apropriar-se dele. Registrar os tipos de atividades que as pessoas desenvolvem no local e documentar através de fotografia e/ou vídeo para documentar o uso que a população lhe dá.

Determinar de onde vêm os utentes do local e avaliar a dinâmica da área, o fluxo das pessoas, a frequência e ter noção do tempo médio de permanência no mesmo, bem como percurso mais utilizado. Com a finalidade de entender o comportamento ambiental e apreender o sentido do lugar. Captar o perfil do habitante da área a fim de conhecer a faixa etária predominante nível e o gênero. Conversar com os usuários da área e moradores próximos do sítio, este que poderá vir a utilizar área ou não e o porquê.

Por conseguinte analisar as características do entorno com intuito de identificar o tipo de ocupação do solo nas áreas circunvizinhas se é comercial, residencial, escolar etc. Observar a relação desse espaço com o sistema viário, o tipo de vegetação existente entre outras.

Esse procedimento teve o intuito também de identificar conflitos e/ou problemas do local, mapear as apropriações alternativas dadas a esses espaços públicos, independente da existência de infra-estrutura específica para tal, fosse direcionada à prática de atividades individuais ou coletivas, para em seguida passar à fase de análise de dados.

Os dados considerados nesta pesquisa se caracterizam por uma análise qualitativa e descritiva, composta pela análise experimental advinda do levantamento de dados referentes aos locais escolhidos - parte do procedimento empírico e das respostas obtidas com questionários (ver anexo 01). O critério de escolha do questionário, foi determinado pelas semelhanças dos objetos analisados por Santana, Nogueira, Santos e Costa em seu trabalho intitulado de Avaliação da Qualidade Ambiental dos Espaços Verdes Urbanos no Bem-estar e na Saúde e a dissertação em questão. No entanto, algumas modificações foram feitas, para adaptar à realidade dos sítios analisados nessa pesquisa, como também, adequar aos parâmetros adotados no guia de Critérios de Avaliação de Projetos de Desenho de Espaço Público.

Com a recolha deste material da análise experimental, foi possível passar às técnicas com participação dos utentes. Foram aplicados inquéritos com questões dicotômicas de cunho psicológico e físico, contendo 28 perguntas do tipo fechadas, realizados durante os meses de março e abril de 2010, somando um total de 105, que considerou os sete dias da semana e os locais próximos aos objetos de estudo. As perguntas contidas nos questionários procuram traçar o perfil do utente (idade, sexo) e tiveram divididas as principais variáveis nos seguintes grupos: acessibilidade ao sítio, qualidade e existência de equipamentos de lazer, qualidade do espaço verde, sinalização, limpeza, conservação, segurança entre outros. Este que buscou identificar as impressões e necessidades do público-alvo. Todas, dentro dos parâmetros usados na análise do espaço público.

Por fim, os dados obtidos foram cruzados e dispostos em grupos, conseguindo assim levantar dados qualitativos que permitissem avaliar e salientar a sua importância para a melhoria da qualidade de vida dos utentes e da cidade. Tais instrumentos de coleta seguem um padrão feito em trabalhos do gênero, que preconizam estudos de análise comportamental (aspectos sociais) e percepção do ambiente (aspectos físicos) o que legitima o estudo da avaliação bem como propostas de atuação nos locais.

Para além dos inquéritos aplicados aos utentes dos espaços em questão, foram recolhidos 75 post-its durante o processo de estudo, na ocasião em que se visitava os locais, obtendo de maneira informal sugestões e reivindicações que resultaram nas simulações que serão apresentadas nos estudos de caso, onde o critério de escolha foi baseado na quantidade, conteúdos similares e propostas exequíveis e de carácter coletivo.



Figura 4.1 – Post-its – Foto: Beatriz

#### **4.2. Estudos de caso**

Para melhor percepção das atribuições que esses espaços de área verde cumprem em suas respectivas zonas, foi elaborado um estudo referente à história do Jardim Soares do Reis, Jardim do Morro (ambos da mesma época – século XX) e Parque da Lavandeira (século XXI), considerando o conjunto físico, social e ambiental de cada um, para mais, a proximidade entre os mesmos, o que pode refletir na sua frequência.

Pretende-se com esses estudos de caso compreender o cotidiano das pessoas e como se dá o uso dos espaços, as condições que permitem, favorecem ou não o aproveitamento dos locais escolhidos. Entender como na maior parte das vezes a forma como esses espaços são desenhados e planejados influencia na maneira e intensidade de utilização, para tanto, foram escolhidos para serem analisados os seguintes aspectos como: identidade, segurança, conforto, apazibilabilidade, mobilidade, acessibilidade, diversidade e adaptabilidade.

## 4.2.1. Primeiro caso: Jardim Soares dos Reis

### 4.2.1.1. Identidade: contexto histórico, simbólico e cultural

Ao falarmos à respeito da identidade colocamos que o jardim em questão está localizado no Distrito do Porto, na Cidade de Vila Nova de Gaia, situado na freguesia de Mafamude, o Jardim D.Pedro V que passou a se chamar Largo do Torrão, de autoria desconhecida, permaneceu com esse nome até os anos setenta, quando foi reabilitado pelos arquitetos Lobato Guimarães e Moreira da Silva e desde 30 de outubro de 1904 passou a se chamar de Jardim Soares dos Reis, em homenagem ao Escultor de destaque António Soares dos Reis que nasceu e viveu na freguesia, este que também recebeu uma escultura para materializar e servir de testemunho histórico de um período de contribuição artística e cultural, traduziu as relações de poder e/ou destaque em uma dada situação daquela época.



Figura 4.2 – Placa de requalificação, monumento à Soares dos Reis e Jardim Soares dos Reis – Foto: Beatriz .

### 4.2.1.2. Aspectos relacionados à segurança, conforto e apazibilidade

Em relação a qualidade ambiental da área vegetada, seu tratamento paisagístico tem uma variada vegetação, composta por carvalhos, camélias, choupos, salgueiros e muitos arbustos, esta, que apesar de não ser a original é suficientemente notável e significativa, dando ao jardim uma peculiaridade pela sua diversidade, com arborização primária de copa alta, com profusão de vegetação rasteira, arbustos e herbáceos, semelhante ao da paisagem de contemplação de outrora, o que proporciona um ambiente ameno e confortável em relação ao microclima. Entretanto apesar do espaço vegetado ser considerado satisfatório e as barreiras criadas pelo mesmo, o nível de ruídos no local ainda é elevado o que causa um certo desconforto nos utentes (anexo 02 c), também foi colocado como insuficiente a iluminação e quanto à limpeza e manutenção foi dada como boa.

O sistema de orientação, que abrange a sinalização e a forma como está exposta, teve uma boa aceitação e foi considerado por um grande número de pessoas, facilmente entendidos e bem posicionados, assim como a percepção de segurança assegurada pelo local foi dada como boa. Isto devido ao seu intenso uso da população que o considera um ambiente agradável e de fácil acesso a diversos grupos sociais.



Figura 4.3 – Vasta cobertura arbórea e sinalização – Foto: Beatriz

#### **4.2.1.3. Conexões: acessibilidade e mobilidade**

Incrustado em uma das principais zonas de comércio da cidade, o jardim seguiu o ritmo de crescimento da freguesia e se expandiu rapidamente. Como consequência a forma original do mesmo foi mudada com a criação de um parque de estacionamento e novos acessos foram projetados para facilitar a mobilidade no local. Com o mesmo objetivo foi feito um alargamento das vias de circulação para atender o tráfego rodoviário que o cercava, e hoje ainda mais intenso, tanto de transportes públicos como de particulares. Observou-se também que o tempo dos semáforos por vezes não é suficiente para a demanda de peões.

Com os dados obtidos (anexo 02 a) relacionados às características sócio-demográficas dos utentes, observou-se que os mesmos são em sua maioria: do sexo masculino e observou-se a faixa etária entre o mais jovens (< 35 anos) e mais velhos (> 45 anos); serve de ponto de encontro e/ou apenas para cortar caminho entre destinos. Seu uso, se dá mais como ponto de passagem por pessoas que não moram próximo ao local. E quem frequenta, o faz durante a semana, nos dias úteis, no horário comercial. Por estar junto à uma escola e comércio em geral, costuma ser frequentado nas horas de intervalo como no recreio, almoço ou depois do expediente por estudantes, comerciantes e comerciários. Contraditoriamente são poucos os cafés, bares etc. que atraíam pessoas para esta área em outros horários ou até mesmo nos fins de semana.

Em relação à acessibilidade, é feita na maior parte por meio de carro, a pé e/ou autocarro e segundo os utentes (anexo 02 b) não está de acordo com os padrões considerados adequados à

pessoas que possuam alguma deficiência física seja ela permante ou mesmo temporária. Portanto, pequenos ajustes como nivelamento entre as áreas vegetadas e de acesso ao mobiliário urbano, já minorariam alguns problemas.



Figura 4.4 – Estacionamento, utentes, barreiras arquitetônicas – Foto: Beatriz

#### 4.2.1.4. Características do espaço: capacidade de diversidade e adaptabilidade

Com intuito de diversificar o uso do local, algumas reformas foram feitas com o tempo, o que mostra a capacidade de adaptação e versatilidade do espaço. Quanto ao mobiliário urbano que compõe o jardim, podemos conferir o monumento à Soares dos Reis, (elemento que permanece conforme a proposta de projeto original), a fonte, bancos, luminárias, lixeiras, entre outros; alguns foram trocados e/ou acrescentados, procurando atender às necessidades locais, como por exemplo equipamentos urbanos destinados à distração como o playground para as crianças, mesas, que agregam jovens e transeuntes em geral, o que permite a realização de outras atividades, além de banca de jornal e de gelados. Com o questionário (anexo 02 d) percebeu-se que a opinião sobre qualidade e estado de conservação do mobiliário ficou bem dividida, porém, predominou a queixa de que o mesmo não estava em boas condições de uso. Essas intervenções feitas no jardim mudaram o perfil de quando concebido inicialmente, deixando de ser apenas de caráter contemplativo passando a ser também voltado à recreação.

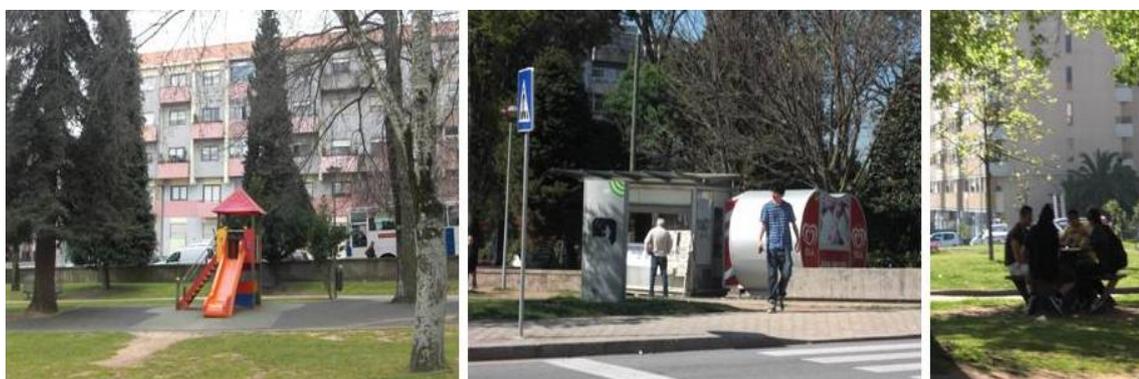


Figura 4.5 – Parque infantil, banca de jornal e gelados, mesa (encontro de jovens) – Foto: Beatriz

Com os post-its recolhidos no Jardim Soares dos Reis, foi possível perceber que a maior parte do conteúdo era voltado à estrutura de esportes coletivos como pista de skate, patins, quadra poliesportiva, como também à atividades ligadas ao meio ambiente, atelier de jardinagem, horta, e por fim espaço que possibilitasse a exposição de trabalhos das escolas da vizinhança.



Figura 4.6 – Pista de skate e horta – Foto: Beatriz

## 4.2.2. Segundo caso: Jardim do Morro

### 4.2.2.1. Identidade: contexto histórico, simbólico e cultural

Situado na freguesia de Santa Marinha, surgiu nos anos trinta o Jardim do Morro (inicialmente chamado de Jardim do Parque, passando para Jardim do Parque da Avenida da República e por fim chegando ao nome atual), na divisa entre Vila Nova de Gaia e o Porto (separados apenas pela ponte D.Luís), junto ao sopé da Serra do Pilar.

A origem do seu nome, veio de uma pedreira (um morro) que existiu no local e foi demolida para permitir a travessia do elétrico entre Gaia até o Porto. Posteriormente fez-se outra intervenção para dar lugar ao atual jardim, com intuito de propiciar à população um espaço esteticamente aprazível, passível de encontros e contemplação. Até então, o sítio era apenas um monte que dava continuidade ao declive vindo das alturas da Igreja da Serra do Pilar para a Quinta do Vitém (hoje Bairro João Felix) e a Calçada da Serra. O acesso ao tabuleiro superior da Ponte D.Luís I, até o fim do século passado, fazia-se contornando este morro pela Rua de Rocha Leão.



Figura 4.6 – Mosteiro da Serra do Pilar, Jardim do Morro e encosta – Foto: Acervo Câmara de Gaia, Beatriz

### 4.2.2.2. Aspectos relacionados à segurança, conforto e aprazibilidade

Assinado pelo Capitão João Oliveira Pombeiro, tendo sido elaborado com a colaboração da Firma Alfredo Moreira da Silva & Filhos o projeto do Jardim do Morro data de 1947. Foi desenhado e disposto da seguinte forma: na parte mais alta do jardim, estava implantado coreto; acima deste, ficava um vistoso mirante voltado para o rio D'ouro; na parte baixa, uma “Concha Acústica”, direcionada para a Avenida da República, semelhante à que nesse tempo existe na Avenida das Tilias do Palácio de Cristal destinada a concertos musicais e pequenas

apresentações. Mais à frente foi demolida, restando apenas o palco que foi adornado nos anos quarenta com uma colunata em cimento disposta em semicírculo.

Numa segunda etapa foi construído um lago e uma gruta. Outro elemento característico do jardim que permanece intacto até hoje é a estátua de Diogo Cassels (reverendo – protestante), uma homenagem ao considerado Benemérito da Educação Popular, feita por alunos das escolas do Prado e do Torne. Além destas, outras modificações foram feitas tais como a destruição parcial da gruta e do lago e as mais recentes foram a implantação de um parque infantil e um telheiro. Estas reformas pretenderam requalificar o jardim, existente desde 1947, que sofreu poucas e pequenas modificações desde então (como constatado em matérias de jornais), todas procurando a conservação do traçado original do projeto, inclusive da variada flora com predominância das Tilias.



Figura 4.7 – Monumento e Coreto (ao fundo), gruta, palco – Foto: Arcervo Câmara Gaia, Beatriz

#### **4.2.2.3. Conexões: acessibilidade e mobilidade**

A maior parte das edificações localizadas na quadra onde está inserido o jardim é de imóveis unifamiliares/multifamiliares, mas apesar de ser uma freguesia de predominância residencial, observa-se a formação de uma zona de comércio e serviços ao longo da Avenida da República, bem como o tráfego intenso de veículos e transeuntes na mesma. Todavia a Rua de Rocha Leão que circunda o sítio tem o fluxo pequeno de veículos, esta que é fundamental ser observada pois garante um espaço agradável, sem tanto barulho e pouco poluído aos que fazem uso do ambiente.

Durante a semana o fluxo no jardim é pequeno, e em muitos horários do dia observou-se que quase não havia movimento no mesmo. Pela manhã a movimentação é maior nas horas de trabalho e estudo; entre as 7:00 e 9:00, o local apenas serve de travessia para pessoas que fazem uso do metro (anexo 03 b), que tem uma paragem logo à frente do jardim. À tarde, nota-se que o público predominante é de pessoas idosas, e que possuem uma maior disponibilidade de tempo livre e organização e que passam seu tempo no local a jogar cartas ou mesmo

conversando, estas que costumam frequentar o sítio mais vezes normalmente durante a semana, apesar de predominar o uso apenas como passagem. Já no turno da noite o fluxo é quase nulo, talvez pelo fato do local possuir uma iluminação precária e não transmitir segurança, ao menos é o que sugerem os dados obtidos (anexo 03 d) e não haver nenhum atrativo em volta. Foi possível observar que o uso do mesmo se intensifica um pouco nos fins de semana com a frequência de turistas pois em um de seus acessos há uma paragem de autocarro de turismo, e por vezes, quando se torna palco de manifestações (locais) políticas, festas populares, religiosas etc.

Foi constatado e colocado pelos utentes que o jardim apresentava algumas debilidades em sua infra-estrutura, manutenção insuficiente e limpeza precária do espaço (anexo 03 c). São variadas as opções de acesso ao local fazendo uso do metro, autocarro ou até mesmo por carro pois próximo ao mesmo tem um parque de estacionamento, num futuro próximo também será possível através de um teleférico já em construção. No entanto a maior parte o faz por meio de metro ou mesmo a pé. Relativamente à acessibilidade verificou-se que é muito precária, com muitas escadas, piso composto por paralelos e as rampas que existem sequer tem inclinação mínima adequada a um cadeirante, barreiras arquitetônicas que dificultam ou mesmo impossibilitam que pessoas com mobilidade reduzida possam aceder o local, o que é relevante no que toca a predominância de idosos.



Figura 4.8 – Vizinhança, idosos que frequentam o local, palanque, acesso principal – Foto: Beatriz

#### **4.2.2.4. Características do espaço: capacidade de diversidade e adaptabilidade**

A relação do ambiente construído com o entorno, além de gerar um forte impacto visual sobre o sítio, é marcada pela presença do Mosteiro da Serra do Pilar, pela ponte D.Luiz ícono do distrito do Porto, não deixando de destacar seu ponto forte, a vista que proporciona a contemplação do rio D'ouro e casario da baixa do Porto. Conforme observações, o local é muito frequentado por turistas e idosos.

Por não possuir grande escala (o que restringe as opções de adaptabilidade e diversidade) possibilita ao visitante captar todos elementos e signos do local, como sua cobertura arbórea

que foi classificada como satisfatória, seja pela sua variedade ou mesmo quantidade o que em relação à parte física proporciona condições aceitáveis de conforto e proteção contra ventos e fatores relativos ao clima, como o frio e calor.

O mobiliário urbano do jardim é considerado de pequena quantidade e degradado, onde pode ser observado a presença de vandalismo e grafites em varias partes do local (anexo 03 d), além da sujeira (latas, seringas, dejetos etc.) encontrada no lago que faz parte da gruta, juntos à sinalização existente classificada como deficiente e má posicionada esta que deveria melhor informar itinerários e equipamentos existentes (anexo 03 d), iluminação insuficiente já citada só trazem ao espaço mais um ponto negativo que interfere no seu uso.



Figura 4.9 – Vandalismo e falta de limpeza – Foto: Beatriz

As imagens apresentadas abaixo resultam dos post-its recolhidos no Jardim do Morro onde predominaram os “pedidos” por equipamentos de ginástica para todos, além de aulas de ginástica localizada e relaxamento, máquinas de manutenção voltadas para idosos, para mais oficinas culturais em geral e eventos multiculturais que envolvam a comunidade, trazendo ocupação sobretudo para esse público predominantemente de terceira idade.



Figura 4.10 – Equipamento de ginásio – Foto: Beatriz

### 4.2.3. Terceiro Caso: Parque da Lavandeira

#### 4.2.3.1. Identidade: contexto histórico, simbólico e cultural

A Quinta da Lavandeira nome de origem do Parque da Lavandeira, situada na freguesia de Oliveira Douro – Vila Nova de Gaia- Porto, foi palco de muitas histórias controversas. O que se sabe de certeza é que esta foi considerada quinta modelo devido ao seu destaque no campo da agricultura<sup>12</sup>, sempre mantendo em sua estrutura a área destinada ao entretenimento, com ricos jardins repletos de espécies nacionais e tropicais. Diante de toda essa variedade, seu último dono o Sr. Conde António da Silva Monteiro resolveu construir em 1881 uma estufa, que na época rendeu muitos comentários, pela sua beleza e destreza em sua concepção, e que se encontra nele até os dias de hoje.

Após passar das mãos do Conde e vir a ser propriedade de Câmara de Vila Nova de Gaia, a quinta se torna um parque com grande extensão totalizando uma área de 11 ha. Este que foi projetado pelo arquiteto Joaquim Massena em 1998, que optou por integrar a estufa de ferro fundido ao novo ambiente composto por alguns jardins temáticos como: Jardim Aquático, das Gramíneas, Interior, do Labirinto, Natural, Oriental, das Suculentas entre outros equipamentos urbanos. Após duas fases de obra foi aberto ao público em 20 de Agosto de 2005 e ficou sob responsabilidade administrativa do Parque Biológico de Gaia.

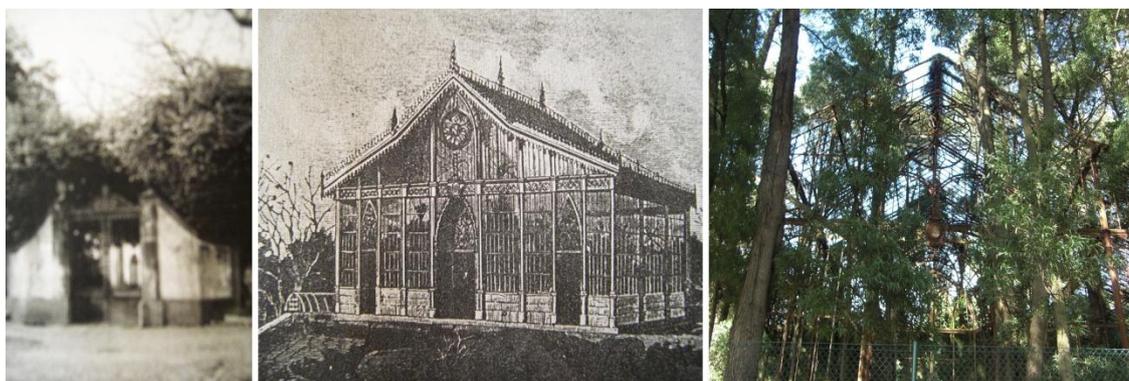


Figura 4.11 – Quinta da Lavandeira, Estufa em 1881 e atualmente – Foto: Beatriz

#### 4.2.3.2. Aspectos relacionados à segurança, conforto e apazibilidade

Parâmetros como a segurança e conforto no parque foram considerados muito bom, o mesmo dispõe de vigilantes circulando e fiscalizando o sítio em horário de funcionamento, o que leva a uma maior frequência e permanência no espaço.

<sup>12</sup>A quinta se sobressaia tanto na forma do cultivo que era aberta para visitação do público todo ano no dia 15 de Agosto.

Relativamente aos ruídos, no local é mínimo, por estar mais afastado de ruas e avenidas com grande movimento e principalmente devido a grande dimensão e extensão reservada à rica vegetação que é composta por: Hera, Araucária, Azeiteira, Sabugueiro, Dióspireiro, Rododendro, Castanheiro, Carvalho-alvarinho, Sobreiro, Nogueira, Loureiro, Austrália, Olaia, Robinia, Magnólia, Figueira, Eucalipto, Oliveira, Pinheiro- Bravo, Pitósporo etc. dispostas em seus variados jardins, atuando diretamente no psicológico dos utentes e proporcionando a sensação de bem-estar, igualmente faz com que a qualidade do ambiente seja das melhores. Ambas refletidas nos gráficos (anexo 04 c).



Figura 4.12 – Jardim das Suculentas e rica vegetação – Foto: Beatriz

No que se refere à sinalização, podemos encontrar placas de acesso a informações com conteúdos diversos como: horário de funcionamento das 8:00 da manhã ao por do sol; instruções meteorológicas e regras de restrição em geral do parque às zonas ajardinadas, quadros informativos sobre as atividades existentes no local e como devem ser executadas. É por isso que o índice de aprovação foi tão alto (anexo 04 e), porém nenhum destes suportes se encontram acessíveis a deficientes visuais.



Figura 4.13 – Quadro informativo, Sinalização de como executar exercícios e meteorológica – Foto: Beatriz

E quanto ao mobiliário urbano, foi considerado de boa qualidade (anexo 04 d) pois está em boas condições, são funcionais, simples e seu padrão ergonômico atende a todo tipo de público, o que possibilita a interação entre diferentes comunidades e faixas etárias, incentivando assim o uso e maior permanência dos utentes nesse espaço de encontros.

#### 4.2.3.3. Conexões: mobilidade e acessibilidade

A maior parte das pessoas que costumam frequentar o parque não mora próximo ao mesmo, portanto os meios de transporte mais utilizados são o automóvel e autocarro. O gênero predominante é do sexo feminino e essas visitas ocorrem mais aos fins de semana, seguindo-se dos demais dias da semana. Para maior parte dos inquiridos, o parque foi considerado com uma boa acessibilidade (anexo 04 b), ou seja, o espaço possibilita que as pessoas se desloquem sem dificuldade, principalmente para aqueles que são portadores de alguma limitação física (definitiva ou temporária). O mobiliário urbano também está incluso nessa categoria, encontrando-se bem posicionado e favorecendo o deslocamento no espaço.



Figura 4.14 – Estacionamento, Paragem de autocarro, parque de bicicletas – Foto: Beatriz



Figura 4.15 – Mobiliário – Foto: Beatriz

#### 4.2.3.4. Características do espaço: capacidade de diversidade e adaptabilidade

Em relação aos aspectos de diversidade e adaptabilidade, o local tem em sua estrutura estacionamento para automóveis, e para bicicletas (com espaço para cadeados), banheiro público e disponibiliza serviços como um café e um quiosque de gelados.

O parque também possui espaço para prática de corrida ou caminhada, vastos campos de relva que possibilitam a prática de desportos coletivos, bem como os individuais, aulas como tai chi chuan e yoga (aulas com dia e hora determinados na semana) e equipamentos para prática de musculação. Oferece estrutura de jogos de passatempo como tabuleiro de xadrez (em proporção humana), tênis de mesa e tabuleiro jogo da velha. Além de feiras de artesanato e uma variada

gama de atividades que se desenvolvem no mesmo, que variam conforme o mês ou mesmo estação do ano como por exemplo as exposições de arte e oficinas educativas que sempre inovam com temas diferentes.

Diante do exposto acima e através do questionário pode-se constatar (anexo 04 f) a satisfação em geral do público com a qualidade do sítio.



Figura 4.16 – Equipamentos de lazer e exercício – Foto: Beatriz

A simulações abaixo foram resultado dos post-its recolhidos no Parque da Lavadeira e exemplificam atividades que poderiam ser ali desenvolvidas, levando em consideração a dimensão dessa área verde e sua boa infra-estrutura, que abrigariam sem problemas de espaço novos equipamentos que proporcionariam mais atividades de lazer, cultura e convivência aos seus frequentadores.



Figura 4.17 – Cinema amador e Hora do conto– Simulação:

Abaixo temos um quadro comparativo, resultado dos inquéritos dos estudos de caso analisados. Podemos perceber claramente as diferenças entre o Parque da Lavandeira, onde constata-se sua superioridade em todos os itens e foi o melhor avaliado pelos utentes. Na sequência, ficou o Jardim Soares dos Reis e por fim o Jardim do Morro, o mais degradado dos espaços de área verde pública, necessitando de melhorias significativas, constatadas através das fotos do local já apresentadas.

		JARDIM SOARES DOS REIS	JARDIM DO MORRO	PARQUE DA LAVANDEIRA
CONTEXTO HISTÓRICO, SIMBÓLICO E CULTURAL		ESTÁTUA DE SOARES DOS REIS - 1904	BUSTO DE DIOGO CASSELS - 1947	ESTUFA DE FERRO - 1881
SEGURANÇA, CONFORTO E APRAZIBILIDADE	•VEGETAÇÃO:	ESPÉCIES VARIADAS	ESPÉCIES VARIADAS	ESPÉCIES VARIADAS
	•NÍVEL DE RUÍDO:	ALTO	MODERADO	BAIXO
	•ILUMINAÇÃO:	INSUFICIENTE	INSUFICIENTE	BOA
	•LIMPEZA E MANUTENÇÃO:	SATISFATÓRIA	INSUFICIENTE E PRECÁRIA	BOA
	•SINALIZAÇÃO:	BEM POSICIONADA, MAS EM PEQUENA QUANTIDADE	BEM POSICIONADA	BEM POSICIONADA, EM GRANDE QUANTIDADE
	•SEGURANÇA:	•CONSIDERADO SEGURO	CONSIDERADO INSEGURO	MUITO SEGURO
ACESSIBILIDADE E MOBILIDADE	•ACESSIBILIDADE:	VARIADA	VARIADA	RESTRITA
	•ACESSO:	BOM	SATISFATÓRIO	BOM
	•MOBILIDADE:	BOA	RAZOÁVEL	BOA
	•UTILIZAÇÃO:	PONTO DE PASSAGEM/ ESTAR POUCAS	PONTO DE PASSAGEM	PONTO DE ATIVIDADES DIVERSAS/ ESTAR POUCAS
	•BARREIRAS ARQUITETÔNICAS:		MUITAS	
	•PÚBLICO PREDOMINANTE:	JOVENS	IDOSOS E TURISTAS	TODAS FAIXAS ETÁRIAS
DIVERSIDADE E ADAPTABILIDADE	•CAPACIDADE DE MUDANÇAS:	BOA	LIMITADA	MUITO BOA
	•MOBILIÁRIO:	INSATISFATÓRIO	INSUFICIENTE E INSATISFATÓRIO	BOM

Figura 4.18 – Quadro comparativo

Diante do analisado, o parque e os jardins em questão permitem mudanças e/ou adequações às necessidades da população frequentadora dos mesmos, bem como a qualquer outro espaço público que apresente carências similares. Aplicando os parâmetros usados nos estudos de caso deste trabalho, bem como os itens apresentados nesta avaliação no quadro supra citado. Desta forma, vale reforçar que, para ter êxito num projeto de áreas vegetadas como as colocadas, deve-se sobretudo, colocar em primeiro plano uma avaliação de diversos aspectos visando um bom aproveitamento do local, e obter assim um funcionamento satisfatório.

Consciente da importância destes espaços em sua qualidade de vida, o homem tem percebido que “TOCAR O VERDE ” lhes traz benefícios de ordem física e psicológica, visto que o valor desses equipamentos, vai além de uma simples estruturação física e alcança patamares de necessidades sociais vigentes no ritmo de vida atual.

## Considerações finais

O jardim e o parque, como equipamentos urbanos, são espaços onde se condensam vários sentidos e tempos sociais. Dentro da história do seu desenvolvimento, na medida em que o seu uso ia se instaurando, antes mesmo de explicitar seus deveres e funções como instituição social, passou a complementar os arredores e fazer parte fundamental das áreas urbanas. Desta maneira, atestaram-se algumas novas funções que foram atribuídas ao espaço, conferindo um aspecto plural no mundo contemporâneo.

O planejamento de espaços livres públicos tem funcionado, praticamente, baseado num sistema de integração ambiental e sua fonte de recurso natural. É crescente o número de indivíduos que buscam a paisagem como ambiente de lazer, o que desenvolve a função cívica e ecológica proveniente do contato com a natureza e todos os benefícios dela advindos, refletindo positivamente em seu cotidiano.

O trabalho com essas áreas verdes associada à paisagem vem, nos dias de hoje, assumindo uma postura de patente elevada no âmbito arquitetônico e paisagístico. A busca pelo 'verde' é cada vez maior, uma vez que não só pesquisas defendem o assunto, mas, também as pessoas se conscientizaram da necessidade da utilização da natureza nos espaços públicos e seus pontos favoráveis ao mesmo. Por conseguinte, é mais comum o surgimento de projetos priorizando essa vertente, bem como a adoção de artifícios que somem a favor da sociedade como um todo.

O valor desses modelos de equipamentos, vai além de uma simples estruturação física e alcança patamares de necessidades sociais vigentes no ritmo de vida atual. Por isso, é importante um bom planejamento e funcionamento, viabilizando um pleno aproveitamento deste espaço.

Sendo assim, a preservação da identidade cultural, nesta situação, estabelece um elo com sentimentos despertados em contato com natureza, esquecidos na 'selva de pedra' das cidades atuais. Não obstante, a aplicação de idéias, através de uma experimentação de socialização, através de um trabalho ativo, coletivo e participativo, materializa o direito de aproveitamento e pertencimento da cidade bem como suas várias oportunidades e seu comprometimento com a população. Isso é capaz de canalizar novas formas de atividades sociais incluindo a minoria, que durante muito tempo foi não apenas esquecida, mas banida de atividades voltadas para o bem comum.

Atualmente, as condições e o incremento desses projetos 'verdes' contam com o apoio de alguns setores urbanos, antes, inadequados, desatualizados e indiferentes à filosofia de preservação e bem-estar. Em se tratando das áreas de estudo de caso que compõem o espaço público, foi possível a partir dos registros de diversos autores pesquisados na referência bibliográfica, observação do local e sua dinâmica, somando-se à participação dos utentes, respondendo os questionários e emitindo suas opiniões. Estabeleceu-seentão, um contraponto entre valores, aspirações, motivações e repertórios.

Constatou-se nesses espaçoslivres públicos, nomeadamente no Jardim Soares Reis é razoavelmente limpo, porém desprovido de maiores atrativos, apesar de boa extensão de sua área e estar localizado numa região de grande movimento e densidade demográfica com possibilidade de inserção de vários equipamentos urbanos no mesmo. No Jardim do Morro, a carência de uma manutenção tanto no mobiliário como na limpeza é notável, além de não explorar o grande potencial de visão contemplativa que o mesmo permite da Cidade do Porto com seu casario secular e do rio D'ouro. Ambos, de caráter público e administrados pela Câmara de Gaia.

Já no Parque da Lavandeira espaço público/privado a situação, é bem diferente pois, além de ter seu gerenciamento terceirizado é "adotado" por uma empresa particular, fazendo com que sua infraestrutura seja bem melhor, tendo um outro nível de conservação e possibilite a promoção de atividades, eventos culturais e artísticos diversos. Esta situação é comprovada nos dados finais obtidos através dos questionários que em quase todas as respostas tiveram afirmações positivas, demonstra uma boa aceitação por parte das pessoas em geral.

Percebeu-se com os estudos desses equipamentos urbanos, que mesmo assim, a criação e manutenção de jardins e parques, ainda depende diretamente da avaliação e viabilização de algumas inversões da setORIZAÇÃO urbanística, que se desenvolvem com estrutura obsoleta. Foi constatado que é de total importância, fazer um levantamento de todas as deficiências desses locais, sejam sociais, físicas e estruturais e a partir daí, estudar soluçõescapazes de preencher essas lacunas, apresentando meios e alternativas para implementar uma nova cultura de ambiente e hábitos saudáveis no seu *modus vivendi*.

Chega-se à conclusão, que a proposta de reabilitação de espaços livres públicos já existentes, ou mesmo de implementação de novos, de forma bem sucedida e de qualidade superior, passa pelo engajamento dos usuários. Estes, que são peça fundamental e razão de ser para o sucesso do sítio e conseqüentemente para o satisfação da sociedade. Os profissionais envolvidos com esta causa, têm o papel de completar com seu conhecimento teórico, sugerir o melhor plano de ação,

cooperando na reorganização desses projetos e em seus enunciados, apontando as carências sociais e/ou ecológicas atuais. Contribuindo também para propagar e introduzir valores ecológicamente corretos. Equipamentos que funcionarão como prestadores de serviços comunitários, geradores de renda (referente ao mercado imobiliário de quem vive próximo a essas áreas verdes) e convívio, implantando múltiplos programas de atendimento aos visitantes, além de gerar recursos naturais, com a recuperação e/ou criação de infra-estrutura adequada e mobiliário devidamente projetado, em específico para cada zona e situação.

E por fim, este estudo fornece subsídios para sugestões de propostas de intervenção, assim como as demonstradas nas simulações em cada estudo de caso, com base na análise e qualidade da intervenção espacial em consonância com o uso e fins reservados a cada espaço, que visam a contemplação, lazer e recreação.

## Bibliografia

- ABBUD, Benedito (2006). “Criando paisagens” Guia de trabalho em arquitetura paisagística. São Paulo: SENAC.
- ÁGUAS, Sofia - BRANDÃO, Pedro - CARRELO, Miguel (2002). O chão da cidade: guia de avaliação do design de espaço público. Lisboa: Centro Português Design.
- AMORIM, M. C. de C.T. Análise ambiental e qualidade de vida na cidade de Presidente Prudente/SP. Pres. Prudente: FCT/UNESP, (Dissertação de Mestrado) 1993.
- BENEVOLO, Leonardo (1999). A história da Cidade. São Paulo: Perspectiva.
- CAVALHEIRO, F., DEL PICCHIA P. C. D. (1992). Áreas Verdes: Conceitos, Objetivos e Diretrizes Para O Planejamento. In: Anais do 1º Congresso Brasileiro Sobre Arborização Urbana e 4º Encontro Nacional Sobre Arborização Urbana. Espírito Santo.p. 29-38.
- CORRÊA, Roberto Lobato (2001). Paisagem, imaginário e espaço. Rio de Janeiro: UERJ.
- CORRÊA, Roberto Lobato ; ROSENDHAL, Zeny (1998). Paisagem, tempo e cultura. Rio de Janeiro: UERJ.
- CULLEN, Gordon (1983). A paisagem urbana. Lisboa: Edições 70.
- DEL RIO, VICENTE (2004). Introdução ao Desenho Urbano no Processo de Planejamento Urbano. São Paulo: PINI.
- DEL RIO, Vicente; OLIVEIRA, Livia de (1996). Percepção Ambiental. São Paulo: Studio Nobel.
- EDGINTON, C. R. et al.(1995). Leisure and Life Satisfaction. Dubuque: Brown & Benchmark.
- FERRARI, Celso (2004). Dicionário de Urbanismo. São Paulo: Disal
- FALCÓN, Antoni (2007). Espacios verdes para una ciudad sostenible - planificación, proyecto, mantenimiento y gestión. Barcelona: GG.
- GUIMARÃES, Joaquim António Gonçalves (maio,1984). O Centro histórico de Vila Nova de Gaia. In Boletim da Associação Cultural Amigos de Gaia – vol.6, nº 36 – pág. 11-16.
- GUIMARÃES, Joaquim António Gonçalves (1984). O Centro histórico de Vila Nova de Gaia. In Boletim da Associação Cultural Amigos de Gaia – vol.2, nº 17 – pág. 18.
- GUIMARÃES, Joaquim António Gonçalves (1993). Jardins de Vila Nova de Gaia: breve bosquejo histórico. In Boletim da Associação Cultural Amigos de Gaia – vol.6, nº 36 – pág. 11-16.

- GUIMARÃES, Gonçalves (1999). Serra do Pilar – Patrimônio Cultural da Humanidade. Lisboa: Fundação Salvador Caetano.
- HOWARD, Ebenezer Edward (2002). Cidades de Amanhã. São Paulo: HUCITEC
- LEGEN, Van Johan (2004). Manual do Arquiteto descalço. Rio de Janeiro: Livraria do arquiteto.
- LE CORBUSIER (2006). Planejamento Urbano. São Paulo: Perspectiva
- LYNCH, Kevin (2007). A imagem da cidade. São Paulo: Martins Fontes.
- Ordem dos Arquitectos (0000). A Green Vitruvius - Princípios e práticas de projecto para a arquitectura sustentável. Lisboa: Ordem dos Arquitectos.
- PAIVA, Haroldo N. e GONÇALVES, Wantuelfer (2002). “Florestas Urbanas” Planejamento para melhoria da qualidade de vida. Col. Jardinagem e Paisagismo, Série Arborização Urbana 2. Minas Gerais: Aprenda Fácil.
- RIO Rui, ... PARDAL Sidónio (2006). Parques Urbanos e Metropolitanos Manual de Boas Práticas. Porto: CMP- Câmara Municipal do Porto.
- RODRIGUES Jacinto (2005). Sociedade e Território – Desenvolvimento Ecologicamente Sustentável. Porto: Profedições.
- SALDANHA, Nelson (2005). O Jardim e a praça. O privado e o público na vida social e histórica. São Paulo: Atlântica.
- SANTOS, Milton (2008). A natureza do espaço: Técnica, razão e emoção. São Paulo: Edusp.
- SANTOS, Milton (2008). Metamorfose do espaço habitado. São Paulo: Edusp.
- SANTOS, Milton (2008). Espaço e método. São Paulo: Edusp.
- SEGAWA, Hugo (1996). Ao amor do Público: Jardins do Brasil. São Paulo: Studio Nobel
- SELTZ, WRIGHTSMAN, COOK (1987). Métodos de pesquisa nas relações sociais. São Paulo: EPU
- VIEIRA, Maria Helena Melege (2007). O Jardim e a paisagem – Espaço, Arte, Lugar. São Paulo: Anna Blume.
- GOMES, Jorge (2010). Parque e Vida Selvagem. Porto: Parque Biológico de Gaia
- -Diogo Cassels: <http://www.abc.pt/historia/em-portugal.html> - visitado em: 12/11/2008.
- COELHO, António Baptista - Infohabitar: <http://infohabitar.blogspot.com/2008/02/paisagem-i-sobre-natureza-da-paisagem.html> - visitado em: 10/07/09.
- DESCONHECIDO. O processo de urbanização e papel da educação ambiental no limiar do século XXI:

- [http://www.abrali.com/016meio\\_ambiente/o\\_processo\\_de\\_urbanizacao\\_sec\\_21.html](http://www.abrali.com/016meio_ambiente/o_processo_de_urbanizacao_sec_21.html) - visitado em: 10/07/09.
- A actividade física e o desporto: um meio para melhorar a saúde e o bem-estar: <http://www.portaldasaude.pt/NR/rdonlyres/FDB7388A-435E-4F65-BC1A-BAC31B74EFD7/0/i009085.pdf> - visitado em: 17/07/09.
  - Estudo de Acessibilidades para a Área Crítica de Reversão Urbanística do Centro Histórico de Vila Nova de Gaia. [http://www.cmgaia.pt/gaia/attachs.pdf?CONTENTITEMOID=7B888080808880GC&CLASSTOKEN=cmg\\_download&ATTRIBUTEID=download](http://www.cmgaia.pt/gaia/attachs.pdf?CONTENTITEMOID=7B888080808880GC&CLASSTOKEN=cmg_download&ATTRIBUTEID=download) - visitado em: 20/10/09.
  - Dez anos para reverter centro histórico de Gaia: [http://www.aecops.pt/pls/daecops2/pnews.build\\_page?text=19907120](http://www.aecops.pt/pls/daecops2/pnews.build_page?text=19907120) - visitado em: 20/10/09.
  - Jardim do Morro: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Jardim\\_do\\_Morro](http://pt.wikipedia.org/wiki/Jardim_do_Morro) - visitado em: 20/10/09.
  - Cidade com qualidade - Jardim do Morro em Vila Nova de Gaia: [http://www.forumdurbanismo.info/index.php?option=com\\_cidade&task=detalhe&Itemid=87&id=366](http://www.forumdurbanismo.info/index.php?option=com_cidade&task=detalhe&Itemid=87&id=366) - visitado em: 08/11/09.
  - A Arquitectura da Cidade – Conceitos e técnicas de Análise Visual : [http://www.civil.ist.utl.pt/~teresa/efc/anavisual\\_efc.pdf](http://www.civil.ist.utl.pt/~teresa/efc/anavisual_efc.pdf) - visitado em:08/01/09.
  - Ginásios ao ar livre [http://jn.sapo.pt/VivaMais/Interior.aspx?content\\_id=1366780](http://jn.sapo.pt/VivaMais/Interior.aspx?content_id=1366780) - visitado em:03/03/10
  - Séniores entusiasmados com Parque Famílias: [http://www.cm-vnfamaliao.pt/seniores\\_entusiasmados\\_com\\_parque\\_familias](http://www.cm-vnfamaliao.pt/seniores_entusiasmados_com_parque_familias) - visitado em: 03/03/10
  - Mangualde: PROJECTO “UM MODELO DE PARQUE” [http://www.noticiasdeiseu.com/index.php?option=com\\_content&view=article&id=190:mangualde-projecto-um-modelo-de-parque&catid=62:negocios&Itemid=86](http://www.noticiasdeiseu.com/index.php?option=com_content&view=article&id=190:mangualde-projecto-um-modelo-de-parque&catid=62:negocios&Itemid=86) - visitado em: 03/03/10
  - Amarílis Lage (2008)- Lazer é um "estado de espírito", diz presidente de organização mundial – <http://www1.folha.uol.com.br/folha/equilibrio/noticias/ult263u431228.shtml> visitado em: 09/03/10
  - Christopher Edginton (2009) - Revista Isto é: "O acesso ao lazer é um direito social" – [http://www.istoe.com.br/assuntos/entrevista/detalhe/3305\\_O+ACESSO+AO+LAZER+E+UM+DIREITO+SOCIAL+?pathImagens=&path=&actualArea=internalPage](http://www.istoe.com.br/assuntos/entrevista/detalhe/3305_O+ACESSO+AO+LAZER+E+UM+DIREITO+SOCIAL+?pathImagens=&path=&actualArea=internalPage) - visitado em: 09/03/10

- The Center of Universal Design - [http://www.design.ncsu.edu/cud/about\\_ud/udprincipleshtmlformat.html](http://www.design.ncsu.edu/cud/about_ud/udprincipleshtmlformat.html) visitado em: 02/03/10.
- Desenho Universal - <http://www.inr.pt/content/1/5/desenho-universal/> visitado em: 02/03/10.
- Parque Biológico de Gaia - <http://www.parquebiologico.pt/doc.php?id=22> visitado em: 03/03/10
- CCESAG – Jardins em movimento  
[http://www.google.com.br/imgres?imgurl=http://fotos.sapo.pt/GD94J477YW4wp55op1PZ/340x255&imgrefurl=http://ccesag.blogs.sapo.pt/2008/05/06/&usq=\\_\\_bg5TMTgbznZvRJlrHmc1EcwBQsl=&h=167&w=250&sz=11&hl=pt-PT&start=20&um=1&itbs=1&tbnid=eP8AIC\\_W\\_xepqM:&tbnh=74&tbnw=111&prev=/images%3Fq%3D%2522parque%2Bda%2Blavandeira%2522%26um%3D1%26hl%3Dpt-PT%26tbs%3Disch:1](http://www.google.com.br/imgres?imgurl=http://fotos.sapo.pt/GD94J477YW4wp55op1PZ/340x255&imgrefurl=http://ccesag.blogs.sapo.pt/2008/05/06/&usq=__bg5TMTgbznZvRJlrHmc1EcwBQsl=&h=167&w=250&sz=11&hl=pt-PT&start=20&um=1&itbs=1&tbnid=eP8AIC_W_xepqM:&tbnh=74&tbnw=111&prev=/images%3Fq%3D%2522parque%2Bda%2Blavandeira%2522%26um%3D1%26hl%3Dpt-PT%26tbs%3Disch:1) visitado em: 03/03/10
- Gaianima – Actividades de Lazer – Jardins em Movimento  
[http://www.gaianima.pt/gaia/portal/user/anon/page/PCG\\_evento.psm1?contentid=8F91808080CO&nl=pt](http://www.gaianima.pt/gaia/portal/user/anon/page/PCG_evento.psm1?contentid=8F91808080CO&nl=pt) visitado em: 03/03/10

## Anexo 01

### Questionário de pesquisa de campo

Os dados do questionário (sem identificação) a seguir serão utilizados na elaboração de uma Dissertação de Mestrado em Artes e Design para o Espaço Público da Faculdade de Belas Artes do Porto.

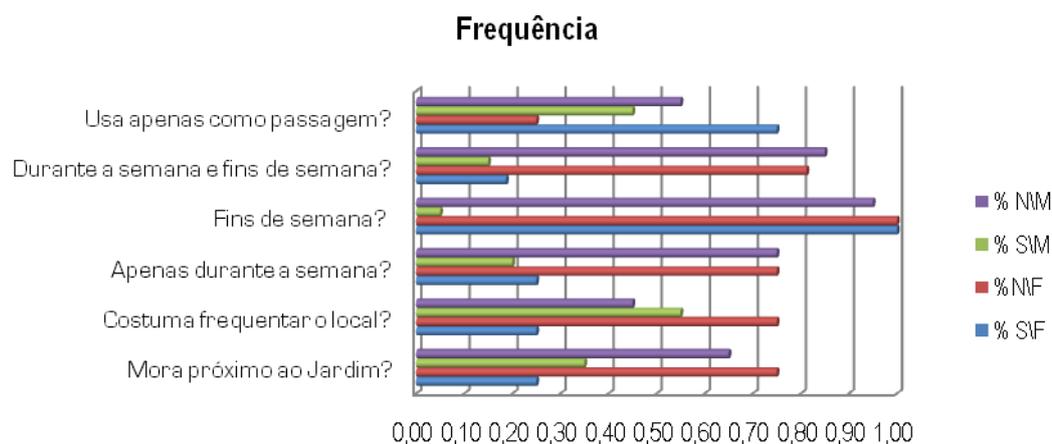
**Idade:**            **Sexo:** ( F ) ( M )

<b>Espaços Públicos – Áreas Verdes</b>	<b>Área de estudo</b>
Mora próximo ao Jardim?	Sim ( ) Não ( )
<b>Frequência:</b>	
Costuma frequentar o local?	Sim ( ) Não ( )
Apenas durante a semana?	Sim ( ) Não ( )
Fins de semana?	Sim ( ) Não ( )
Durante a semana e fins de semana?	Sim ( ) Não ( )
Usa apenas como passagem?	Sim ( ) Não ( )
<b>Acessibilidade ao sítio:</b>	
Possui estacionamento próximo ao local?	Sim ( ) Não ( )
Costuma vir a pé?	Sim ( ) Não ( )
Costuma vir de bicicleta?	Sim ( ) Não ( )
Costuma vir de carro?	Sim ( ) Não ( )
Costuma vir de autocarro?	Sim ( ) Não ( )
Costuma vir de metro?	Sim ( ) Não ( )
O acesso é adequado à pessoas portadores de alguma deficiência física?	Sim ( ) Não ( )
<b>Qualidade ambiental da área vegetada:</b>	
Acha suficiente a quantidade de árvores?	Sim ( ) Não ( )
A poluição sonora é elevada no local?	Sim ( ) Não ( )
O sítio é satisfatoriamente iluminado?	Sim ( ) Não ( )
Considera boa a manutenção e limpeza do espaço?	Sim ( ) Não ( )
<b>Qualidade dos equipamentos de lazer existentes</b>	
O mobiliário urbano está em bom estado? (bancos, luminárias, cestos de lixo, monumentos, telefone público)	Sim ( ) Não ( )
Espaço para prática de jogos informais encontra-se em bom estado?	Sim ( ) Não ( )
<b>Sinalização (placas informativas):</b>	
Exististe sinalização?	Sim ( ) Não ( )
Se existente, são facilmente entendidas e posicionadas?	Sim ( ) Não ( )
<b>Segurança:</b>	
O local em questão lhe transmite segurança?	Sim ( ) Não ( )
Apresenta sinais de vandalismo?	Sim ( ) Não ( )
<b>Gostaria que o espaço tivesse ou satisfeito com:</b>	
Parque de bicicletas com local para cadeados?	Sim ( ) Não ( )
Local para praticar cooper e/ou corridas?	Sim ( ) Não ( )
Espaço para prática de desportos coletivos?	Sim ( ) Não ( )
Espaço para prática de desportos informais?	Sim ( ) Não ( )
Oficinas sobre temas variados	Sim ( ) Não ( )

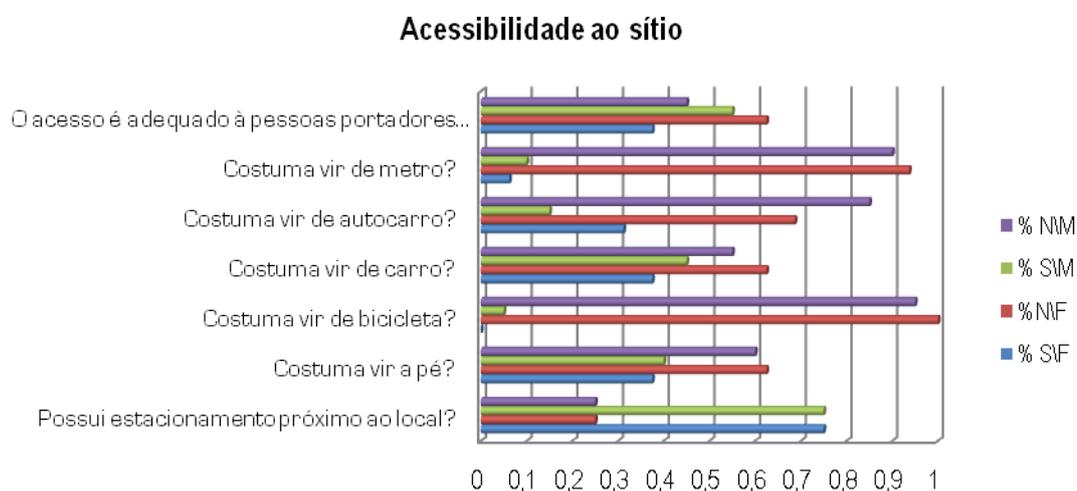
Ps: As variáveis analisadas e adaptadas foram, baseadas num questionário já existente que tratava da mesma problemática.

## Anexo 02

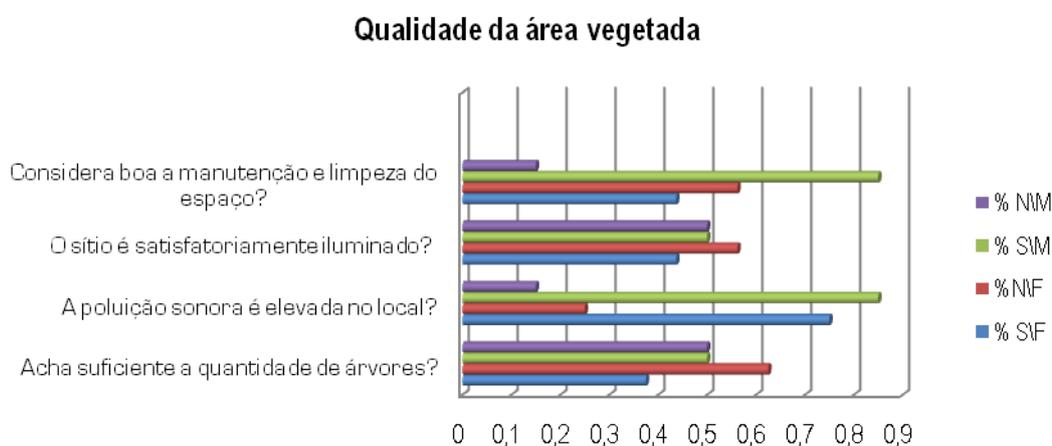
Jardim Soares dos Reis: resultados obtidos dos questionários representados graficamente.



Anexo 02 a – resultados obtidos dos questionários representados graficamente Fonte: arquivo pessoal, 2010

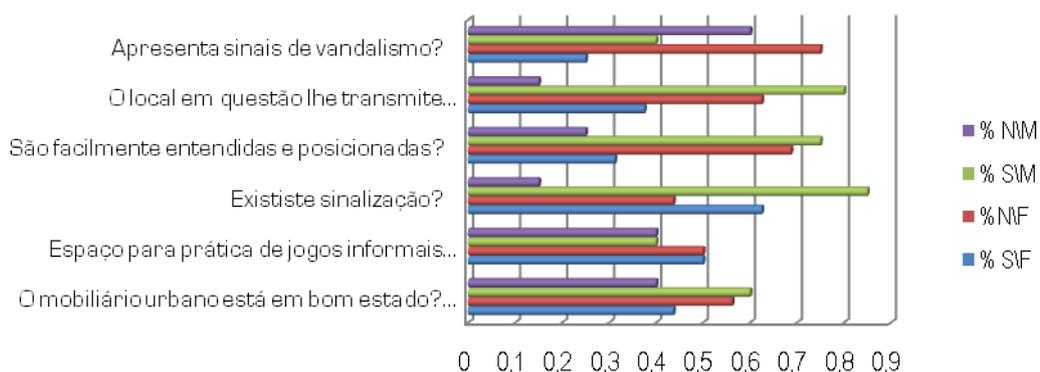


Anexo 02 b – resultados obtidos dos questionários representados graficamente Fonte: arquivo pessoal, 2010



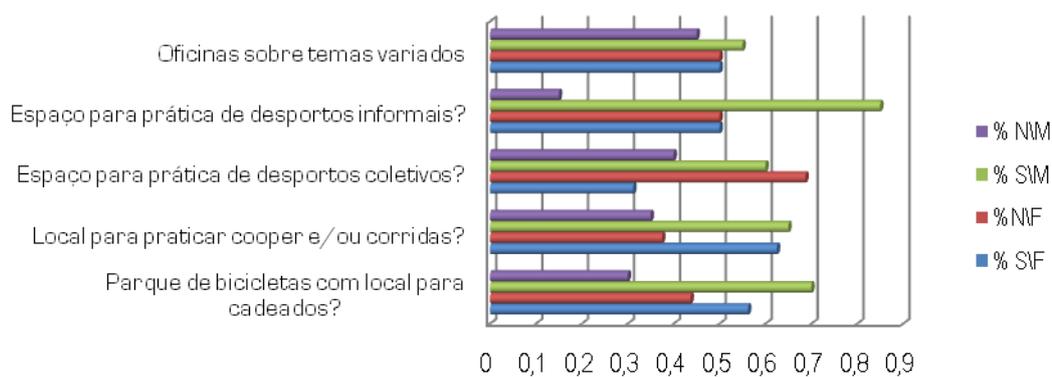
Anexo 02 c – resultados obtidos dos questionários representados graficamente Fonte: arquivo pessoal, 2010

### Qualidade dos equipamentos e sinalização



Anexo 02 d – resultados obtidos dos questionários representados graficamente Fonte: arquivo pessoal, 2010

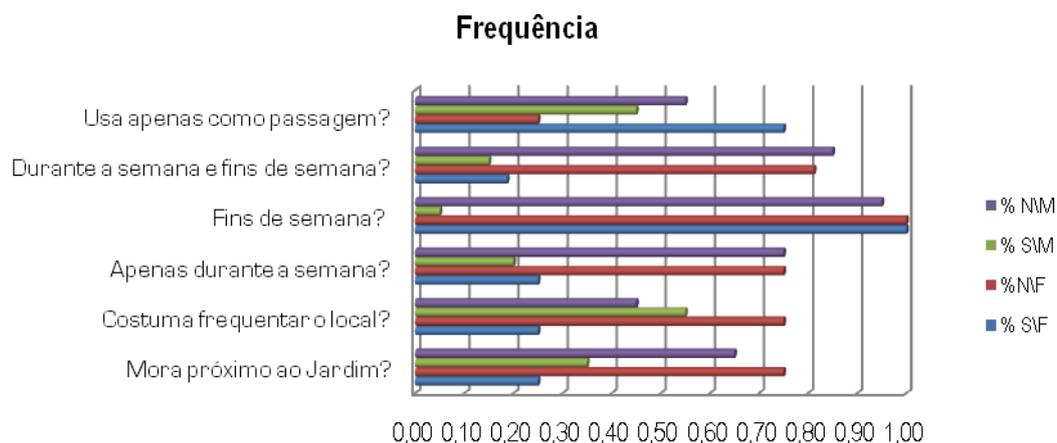
### Expectativas sobre o local: gostaria que o espaço tivesse:



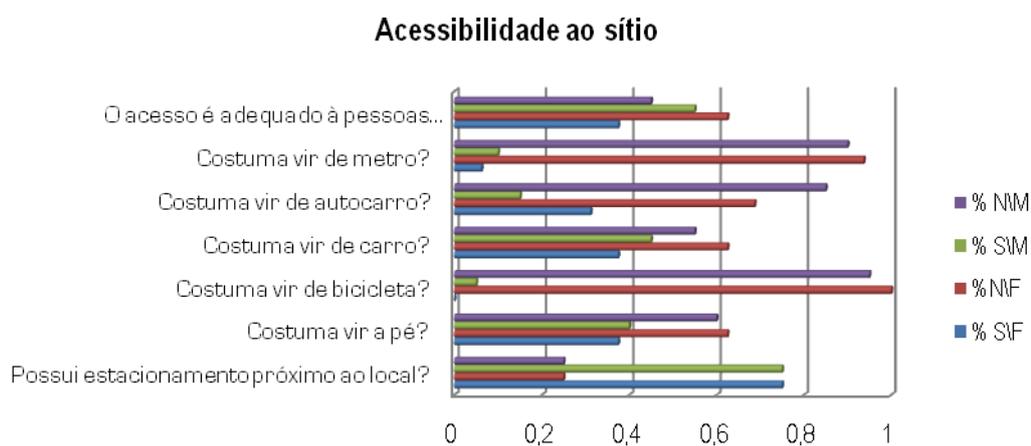
Anexo 02 e – resultados obtidos dos questionários representados graficamente Fonte: arquivo pessoal, 2010

## Anexo 03

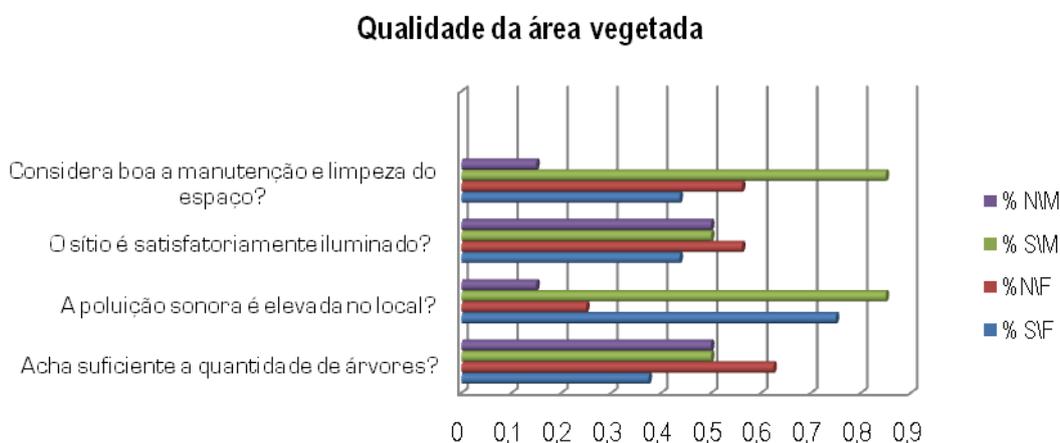
### Jardim do Morro: resultados obtidos dos questionários representados graficamente.



Anexo 03 a – resultados obtidos dos questionários representados graficamente Fonte: arquivo pessoal, 2010



Anexo 03 b – resultados obtidos dos questionários representados graficamente Fonte: arquivo pessoal, 2010



Anexo 03 c – resultados obtidos dos questionários representados graficamente Fonte: arquivo pessoal, 2010

### Qualidade dos equipamentos e sinalização



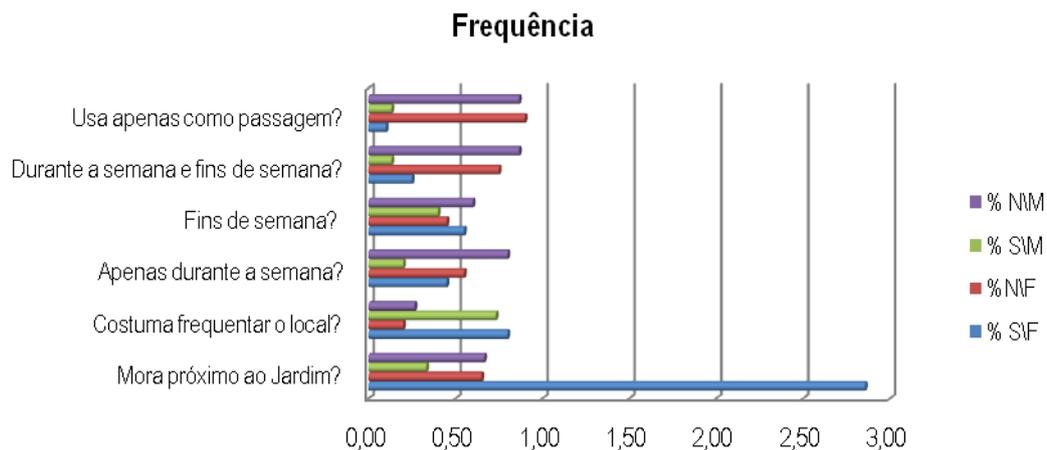
Anexo 03 d – resultados obtidos dos questionários representados graficamente Fonte: arquivo pessoal, 2010

### Expectativas sobre o local: gostaria que o espaço tivesse:

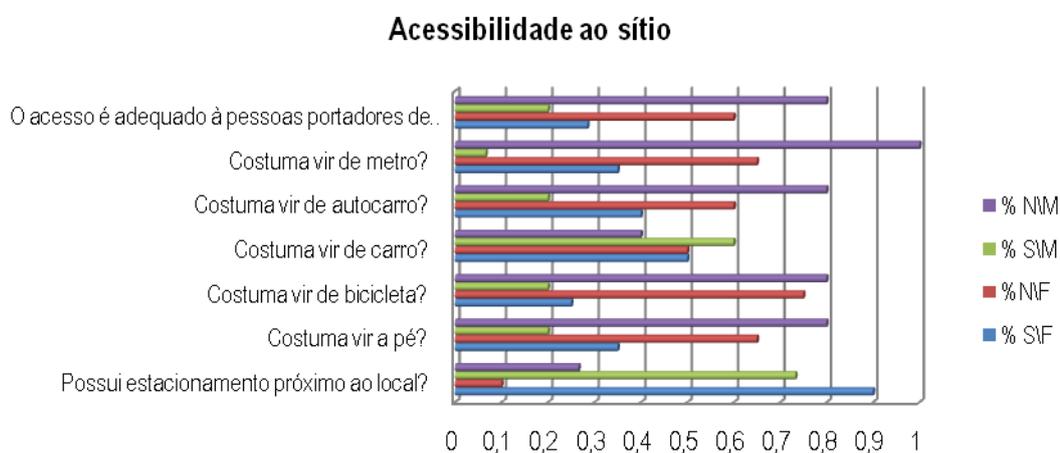


Anexo 03 e – resultados obtidos dos questionários representados graficamente Fonte: arquivo pessoal, 2010

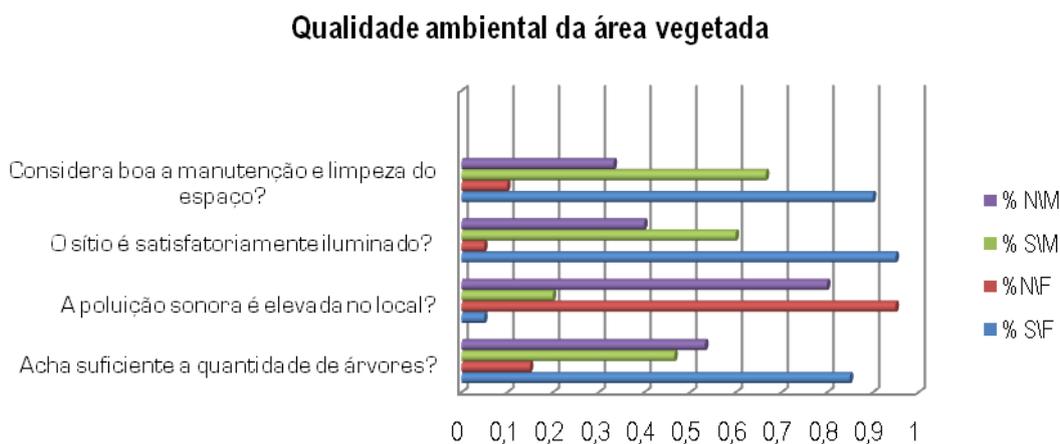
## Anexo 04



Anexo 04 a – resultados obtidos dos questionários representados graficamente Fonte: arquivo pessoal, 2010

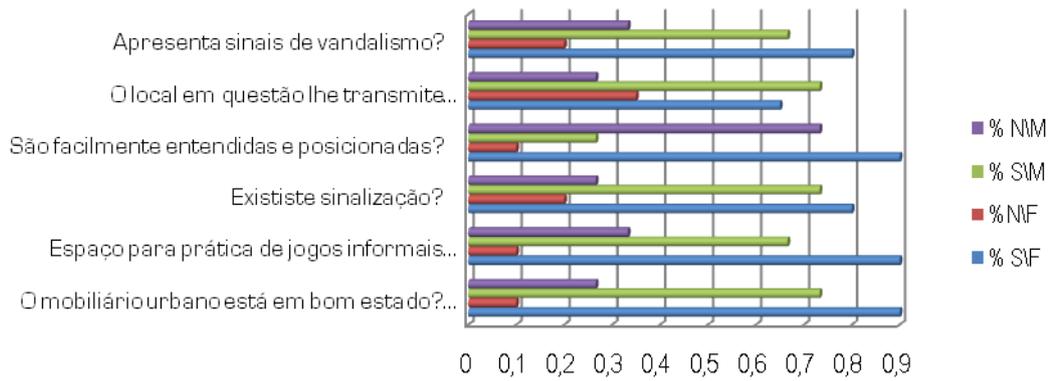


Anexo 04 b – resultados obtidos dos questionários representados graficamente Fonte: arquivo pessoal, 2010



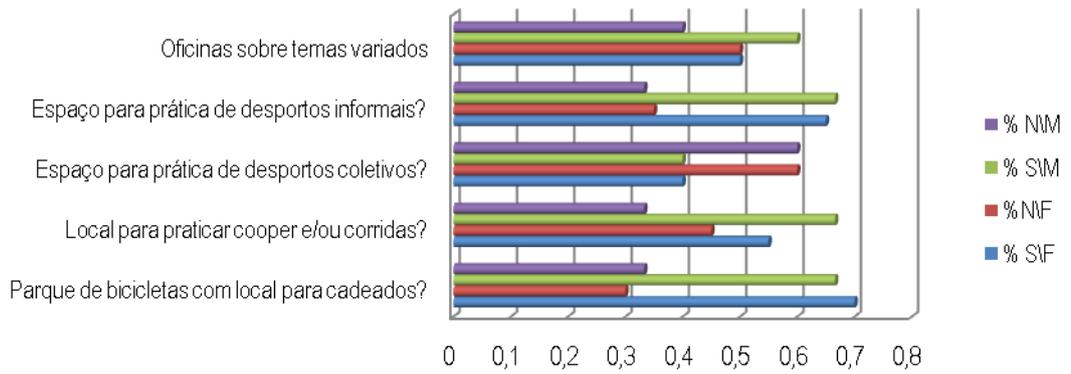
Anexo 04 c – resultados obtidos dos questionários representados graficamente Fonte: arquivo pessoal, 2010

### Qualidade dos equipamentos e sinalização



Anexo 04 d – resultados obtidos dos questionários representados graficamente Fonte: arquivo pessoal, 2010

### Expectativas sobre o local - satisfeito com:



Anexo 04 e – resultados obtidos dos questionários representados graficamente Fonte: arquivo pessoal, 2010

## Anexo 05

O Natal reúne um monte de coisas boas como as férias, a família, os presentes e, claro, as oficinas de Inverno do Parque Biológico!

Se tens entre 6 e 15 anos não hesites, inscreve-te já!

**DATA-LIMITE INSCRIÇÃO:** até 5 dias antes do início das actividades. A confirmação está sujeita ao pagamento da totalidade do valor da inscrição.

**Custo diário: 20€;** Custo diário para sócios da Associação dos Amigos do Parque Biológico de Gaia: 17€; O valor inclui actividades, refeições (almoço e lanche) e seguro.



### Contactos

Tel.: 22 787 81 37/8 - Fax: 22 787 81 28

E-mail: [atendimento@parquebiologico.pt](mailto:atendimento@parquebiologico.pt)

Horário de entrada e saída dos participantes

Entrada: entre as 09h00 e as 09h30; Saída: entre as 17h00 e as 17h30

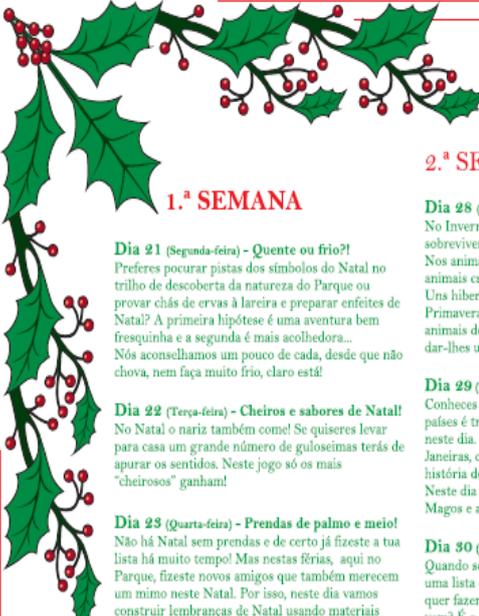
# Oficinas de Inverno



2009



Anexo 05 a – Atividades desenvolvidas ao longo do ano- Fonte: <http://www.parquebiologico.pt/doc.php?id=22>



### 1.ª SEMANA

**Dia 21 (Segunda-feira) - Quente ou frio?!**  
Preferes procurar pistas dos símbolos do Natal no trilho de descoberta da natureza do Parque ou provar chás de ervas à lareira e preparar enfeites de Natal? A primeira hipótese é uma aventura bem fresquinha e a segunda é mais acolhedora... Nós aconselhamos um pouco de cada, desde que não chova, nem faça muito frio, claro está!

**Dia 22 (Terça-feira) - Cheiros e sabores de Natal!**  
No Natal o nariz também come! Se quiseres levar para casa um grande número de guloseimas terás de apurar os sentidos. Neste jogo só os mais "cheirosos" ganham!

**Dia 23 (Quarta-feira) - Prendas de palmo e meio!**  
Não há Natal sem prendas e de certo já fizeste a tua lista há muito tempo! Mas nestas férias, aqui no Parque, fizeste novos amigos que também merecem um mimo neste Natal. Por isso, neste dia vamos construir lembranças de Natal usando materiais naturais recolhidos no trilho do Parque e depois fazer uma troca de prendas.

### 2.ª SEMANA

**Dia 28 (Segunda-feira) "Voando sem asas"**  
No Inverno a natureza diminui o seu ritmo para poder sobreviver às dificuldades. As plantas perdem as folhas. Nos animais os pelos crescem. Muitas espécies de animais criam uma reserva de energia durante o Outono. Uns hibernam outros escondem-se e esperam a Primavera. Neste dia vais aprender as estratégias que os animais do Parque usam para sobreviver ao Inverno e dar-lhes uma ajuda construindo abrigos e alimentadores.

**Dia 29 (Terça-feira) - Dez contos de Reis...!**  
Conheces a história dos três Reis Magos? Em alguns países é tradição dar as prendas de Natal às crianças neste dia. Em Portugal nesta altura cantam-se as Janeiras, come-se bolo-rei e as crianças representam a história dos Reis Magos. Neste dia vamos ensinar-te e construir coroas de Reis Magos e a confeccionar mini-bolos-rei.

**Dia 30 (Quarta-feira) - Ano novo vida nova!**  
Quando se aproxima o final do ano há o costume de fazer uma lista de decisões para o Novo Novo. Aquilo que se quer fazer. Já pensaste no que desejas para o ano que aí vem? É o ano internacional da biodiversidade! Dá asas à tua criatividade e faz da tua lista de decisões uma verdadeira eco-obra de arte!



Anexo 05 b – Atividades desenvolvidas ao longo do ano- Fonte: <http://www.parquebiologico.pt/doc.php?id=22>

Queres passar umas férias da Páscoa inesquecíveis?  
Participa nas Oficinas de Primavera do Parque Biológico de Gaia!

Custo diário: 20€; Custo diário para sócios da AAPB: 17€; O valor inclui acompanhamento técnico, almoço, lanche e seguro.

**Data-limite para as inscrições: até 5 dias úteis antes do início das actividades.**  
Confirmação sujeita a pagamento prévio até 5 dias úteis (1 semana) antes do início das actividades

## Oficinas de Primavera

2010



### Contactos

Tel.: 22 787 81 37/8 - Fax: 22 787 81 28  
E-mail: [atendimento@parquebiologico.pt](mailto:atendimento@parquebiologico.pt)

Horário de entrada e saída dos participantes

Entrada: entre as 09h00 e as 09h30; Saída: entre as 17h00 e as 17h30

Anexo 05 c – Fonte: <http://www.parquebiologico.pt/doc.php?id=22>

## ACTIVIDADES À ESCOLHA

29 de MARÇO a 1 de ABRIL e de 5 a 9 de ABRIL

### 1.ª SEMANA

**SEGUNDA-FEIRA (29 de Março)**

**"Caça cores!"**

Com a chegada da Primavera a natureza veste-se de muitas cores! As cores quentes lembram o sol; as cores frias provocam uma sensação de sossego. Vem connosco caçar as cores do Parque, descobrir nas cores novas sensações.

**TERÇA-FEIRA (30 de Março)**

**"Pequenos tratadores!"**

Nesta oficina poderás dar uma mãozinha na alimentação e maneio e aprender muitas curiosidades sobre os animais que vivem no Parque!

**QUARTA-FEIRA (31 de Março)**

**"Bem bom"**

Para os mais pequenos a culinária é uma delícia e a melhor receita para um dia relaxante e divertido. Não há mau humor que resista a uma guloseima pascoal, saborosa e perfumada feita por nós!

**QUINTA-FEIRA (1 de Abril)**

**"Omeletes sem ovos"**

Sem ovos não se fazem omeletes, é um ditado popular. Mas sabes que animais põem ovos? E sabes porquê? Vem trocar experiências connosco e dar asas à tua imaginação na pintura de ovos.

### 2.ª SEMANA

**SEGUNDA-FEIRA (5 de Abril)**

**"Jogos de aromas!"**

Para descobrires a que cheira terás de apurar os sentidos. Com a nossa ajuda vais ver que é fácil e bem divertido! A equipa vencedora terá de criar um cheiro novo...

**TERÇA-FEIRA (6 de Abril)**

**"Troca de mimos"**

O Horácio é um burrinho muito mansinho que vive na Quinta de St. Tusso e que adora trocar mimos com os participantes das nossas oficinas. Neste dia poderás alimentar, escovar, passear e aprender mais sobre o Horácio e os outros burros que vivem no Parque.

**QUARTA-FEIRA (7 de Abril)**

**"De flor em flor"**

Queres aprender mais sobre as flores que tanto nos encantam na Primavera com as suas cores e cheiros? Este jogo vai ajudar-te a conhecer os segredos das flores de forma muito divertida!

**QUINTA-FEIRA (8 de Abril)**

**"Coelhos saltitões"**

O Coelho da Páscoa escondeu-se no Parque! Vocês vão ser os coelhos saltitões que nos vão ajudar a procurá-lo. Quem o encontrar recebe um prémio!

**SEXTA-FEIRA (9 de Abril)**

**"Festa da Primavera"**

Qual a melhor forma de acabar as férias senão com uma festa? Durante este dia vamos preparar tudo o que é necessário para fazer uma festa bem divertida: guloseimas, enfeites, coreografias, pinturas e muito mais...

Anexo 05 d – Atividades desenvolvidas ao longo do ano- Fonte: <http://www.parquebiologico.pt/doc.php?id=22>

Queres passar umas férias de Verão  
inesquecíveis?  
Participa nas Oficinas do Parque  
Biológico de Gaia e vais ter um  
Verão em cheio!

Custo diário: 20€; Custo diário para sócios da  
AAPB: 17€; O valor inclui acompanhamento  
técnico, almoço, lanche e seguro.

Data-limite para as inscrições: até 5 dias úteis  
antes do início das actividades.  
Confirmação sujeita a pagamento prévio até 5 dias  
úteis (1 semana) antes do início das actividades

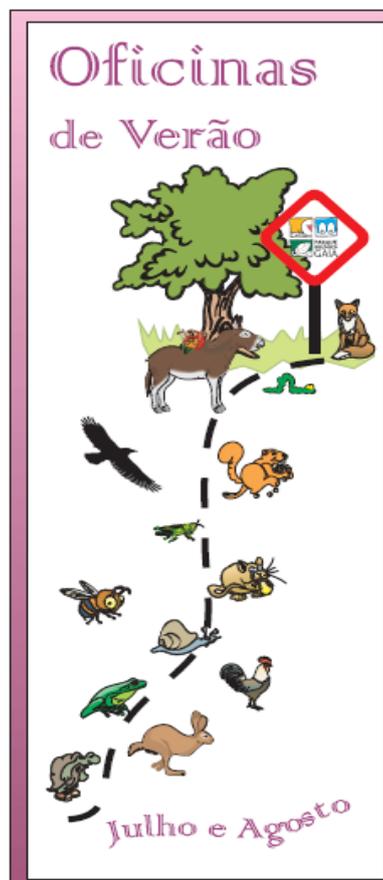


#### Contactos

Tel.: 22 787 81 37/8 - Fax: 22 787 81 28  
E-mail: atendimento@parquebiologico.pt

Horário de entrada e saída dos participantes

Entrada: entre as 09h00 e as 09h30; Saída: entre as 17h00 e as 17h30



Anexo 05 e – Atividades desenvolvidas ao longo do ano- Fonte: <http://www.parquebiologico.pt/doc.php?id=22>



## ACTIVIDADES À ESCOLHA

### PROGRAMA PARA JULHO (12 a 16 de Julho e 26 a 30 de Julho)

**SEGUNDA-FEIRA** - "Jogo da Arca de Noé"  
Sabias que o Parque Biológico é uma pequena arca de noé? Este é um jogo para descobrires a biodiversidade do Parque. Tens de procurar as pistas de animais. Vamos ver quem descobre mais...

**TERÇA-FEIRA** - "Pequenos tratadores"  
Neste dia poderás ajudar a alimentar e a cuidar de alguns dos animais do Parque. Vais ver que alguns dos trabalhos são bem animados!

**QUARTA-FEIRA** - "Rapa-tachos"  
Rapa-tachos é sinónimo de comilão, glutão. Neste dia vamos preparar um delicioso pudim de chocolate e outras guloseimas. É uma tentação mas só vale provar!

**QUINTA-FEIRA** - "Ao sabor do vento"  
Dia dedicado à criatividade. Com ramos de salgueiro ou aveleira de formas caprichosas, fio de seda, papel, folhas e plantas aromáticas secas iremos construir magníficos móveis. Leva para casa os aromas da natureza!

**SEXTA-FEIRA** - "Salta pocinhas!"  
Gostas de jogos com água? É de saltar? Então traz uma muda de roupa e vem divertir-te connosco!

### PROGRAMA PARA AGOSTO (9 a 13 de Agosto, 23 a 27 de Agosto e 30 de Agosto a 3 de Setembro)

**SEGUNDA-FEIRA** - "Coca-bichinhos"  
Coca-bichinhos são pessoas atentas ao mundo que os rodeia e que procuram saber sempre mais. Queres aprender de forma divertida? Vem connosco jogar a caça-ao-tesouro dos coca-bichinhos!

**TERÇA-FEIRA** - "Pequenos tratadores"  
Neste dia poderás ajudar a alimentar e a cuidar de alguns dos animais do Parque. Vais ver que algumas das tarefas são bem divertidas!

**QUARTA-FEIRA** - "Brigada bombom"  
Com o calor o chocolate pode derreter. Para que isso não aconteça a *brigada Bombom* terá de entrar em acção. Queres saber como? Inscreve-te e verás que não te arrependes!

**QUINTA-FEIRA** - "Do nariz à boca"  
Apura os teus sentidos! O jogo começa no nariz. Pode terminar ou não na boca. Tudo depende dos teus sentidos!

**SEXTA-FEIRA** - "Mil-folhas"  
Com folhas das árvores recolhidas pelo trilho do Parque vamos fazer moldes que depois de pintados



Anexo 05 f – Atividades desenvolvidas ao longo do ano- Fonte: <http://www.parquebiologico.pt/doc.php?id=22>

**ORIENTAÇÃO pedestre**  
**II Justlog Park Race**   
**Parque da Lavandeira**  
**24 de Abril**  
**10.00 horas**

Iniciação à Orientação de Precisão

www.gd4caminhos.com/entantos/justlogparkrace2010/

www.gaianima.pt



www.sonhodeafectos.org

**Festa da Criança**

**PARQUE DA LAVANDEIRA**  
**Dia 6 de Junho**  
**Das 08h00 às 20h00**

**DIVERSÕES**  
 Infláveis Recreativos  
 Pinturas faciais  
 Balões Modelagem  
 Jogos Tradicionais  
 Palhaços  
 Desenhos animados e muito mais...





Anexo 05 f – Fonte: <http://www.parquebiologico.pt>

**Jardins em Movimento**

Procurando dinamizar os jardins públicos e a actividade ao ar livre, bem como o convívio intergeracional, a Gaianima vai também levar a cabo a iniciativa "**Jardins em Movimento**". Assim, este combate ao sedentarismo será realizado no Jardim Soares dos Reis, Parque da Lavandeira, Jardim do Morro e Parque de São Caetano todos os domingos pelas 10h00, de 4 de Maio a 28 de Setembro!

Também com um grau de dificuldade mínimo, não é necessária qualquer preparação física para a sua participação. As actividades terão uma duração de duas horas, a primeira dedicada aos jogos tradicionais e a segunda a actividades de academia. Apareça e participe, não necessita de marcação prévia.

**Calendário de Actividades:**

	1º dia	2º dia	4º dia
	Jardim do Morro	Jardim Soares dos Reis	Parque da Lavandeira
<b>Jogos Tradicionais</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Jogo das latas</li> <li>- Corrida de sacas</li> <li>- Jogo do peão</li> <li>- Pinhata</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Jogo do arco</li> <li>- Corrida de sacos</li> <li>- Jogo de tracção</li> <li>- Jogo do peão</li> <li>- Tiro ao alvo</li> <li>- Malha;</li> <li>- Jogo da Macaca;</li> <li>- Andas</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Jogo do arco</li> <li>-Corrida de sacos</li> <li>-Jogo de tracção</li> <li>- Jogo do peão</li> <li>- Jogo do lencinho</li> <li>- Corrida dos pés atados</li> <li>- Andas</li> <li>- Jogo de traves</li> </ul>
<b>Actividades da academia</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Ginástica Localizada</li> <li>- Relaxamento</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Pilates</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Body Combat</li> </ul>

Anexo 06 a – Fonte:

[http://www.google.com.br/imgres?imgurl=http://fotos.sapo.pt/GD94J477YW4wp55op1PZ/340x255&imgrefurl=http://ccesag.blogs.sapo.pt/2008/05/06/&usq=\\_bg5TMTqbznZvRJIrHmc1EcwBQsl=&h=167&w=250&sz=11&hl=pt-PT&start=20&um=1&itbs=1&tbnid=eP8AIC\\_W\\_xepqM:&tbnh=74&tbnw=111&prev=/images%3Fq%3D%2522parque%2Bda%2Bla\\_vandeira%2522%26um%3D1%26hl%3Dpt-PT%26tbs%3Disch:1](http://www.google.com.br/imgres?imgurl=http://fotos.sapo.pt/GD94J477YW4wp55op1PZ/340x255&imgrefurl=http://ccesag.blogs.sapo.pt/2008/05/06/&usq=_bg5TMTqbznZvRJIrHmc1EcwBQsl=&h=167&w=250&sz=11&hl=pt-PT&start=20&um=1&itbs=1&tbnid=eP8AIC_W_xepqM:&tbnh=74&tbnw=111&prev=/images%3Fq%3D%2522parque%2Bda%2Bla_vandeira%2522%26um%3D1%26hl%3Dpt-PT%26tbs%3Disch:1)